





O  
VERDADEIRO MATRIMONIO

COMEDIA-DRAMA EM 4 ACTOS

POR

MANCOS D'ASIA

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS

72 RUA SETE DE SETEMBRO n. 72

1880

180,

AO

SR. DR. JOSÉ FERREIRA DE SOUZA ARAUJO

VERDADEIRO INTERPRETE DA JORNALISTICA  
MODERNA, NO BRASIL

Offerece

*O Auctor.*



## A QUEM NOS QUIZER LER

---

Ha muito quem tenha dito que se não deve escrever prologos em um livro, porquanto é prejudicar a intuição do leitor ou, como escreveu o velho Hugo, pôde bem ser uma escapatória aos defeitos d'aquelle. Seria para nós de um valor axiomatico tal proposição, se esses que assim se têm expressado houvessem observado rigorosamente tal preceito; elles, porém, jámais deixaram de fazer o contrario, sempre que para isso se lhes deparou occasião. E nós, seguindo-lhes não a theoria, que é abstracta, mas a pratica, que é concreta, que é o facto em si mesmo, resolvemos prefaciá-lo este nosso, afim de que melhor possamos ser comprehendidos.

Se é certo que quem saboreia o fructo não importa-se com o conhecer a arvore que o produziu, como se abraça uma idéa auspiciosa sem se investigar sua procedencia, sua origem, não é menos exacto que não se penetra em uma casa estranha, ás escuras, sem alguém que sirva de guia.

E um producto do entendimento humano, quaesquer que sejam as fórmas de que se revista, é sempre um edificio desconhecido para quem encontra-se com elle pela primeira vez.

E' certo que a intuição de cada um é luz assaz sufficiente para servir de guia a quem se encontra de frente com esse producto; não obstante, apresenta-se ahi a impressão

immediata, que dependendo de umas tantas e diversas influencias psychicas, pôde bem levar a uma comprehensão má das vistas e intuitos do productôr. Assim, pois, pensamos que um prologo não é senão o espelho em que se devem reflectir com abundancia as vistas e intenções do escriptor, se porventura deseja ser comprehendido.

A critica analysa, disseca, porém ella não pôde aprofundar as vistas do artista, como o medico não pôde surprender os multiplos phenomenos physiologicos no estudo do corpo inanimado; d'ahi as decisões erroneas, as condemnações iniquas ou as apotheseos infundadas. A critica, a verdadeira critica, tem o direito de applaudir ou reprovar, e inequivocal; todavia, antes de tudo é necessario que ella saiba ser prevenida, justa, para que se torne utilitaria e acatavel; e para chegar até ali é-lhe preciso collocar-se no mesmo p nto de vista que o auctor da obra analysada.

A critica faz o artista, como o artista deve fazer a critica: uma completa-se pelo outro. E onde esta não se faz sentir aquelles serão raros.

\*

\*

E' talvez um crime de lesa-litteratura que ora commetemos dando á luz da publicidade este nosso *aborto dramatico*—como muita gente o chamará; mas, quando tantos outros por ali andam gozando dos fóros de *obra prima* e conquistando o barrete cardinalicio para os novos pontifices das letras patrias, muito não é de certo que appareça mais um, cuja ambição é servir de leito ao pó indolente das livrarias ou de parca cêva ás traças esgalgadas. Não temos a pretensão de nos impôr a quem quer que seja, e tão pouco mendigamos encontros para as doutrinas que abraçamos e expendemos, já porque a nossa organização é avessa aos grandes ruidos, que passam como as cheias, sem que deixem impresso no sólo um só vinculo

que accuse a sua estada, já porque assisti-nos a convicção da prioridade d'ellas, e, consequentemente, do seu triumpho.

Este nosso trabalho, digamol-o com franqueza, é mais um brado de revolta, é mais um—*ds armas!*—dividido em quatro grandes quadros ou actos, como denomina a dogmatica litteraria, do que um producto dramatico no verdadeiro rigor da expressão. Faltam-lhe os lances *patheticos*, *sublimes*, os ouropeis da *verba*, o que nada lamentamos, porquanto a época da periphrase academica, da rhetorica piégas, já passou, como passou igualmente o tempo do lyrismo subjectivista, lamuriento, cheio de idealidades hystericas.

Ha muito que o theatro deixou de ser a arena da corrupta Roma; onde os escravos se estrafegavam colericos, allucinados, para facultar sensações novas aos Césares impedernidos e ao povo, que só queria *pane et circos*. Shakespeare merece-nos a admiração ainda, e merecel-a-ha sempre, não como a expressão unica da fórma dramatica, mas como a incarnação gloriosa de uma época que ha muito caminhou a figurar nas galerias resplendentes da historia. O theatro moderno é mais uma tribuna do que um campo de batalha; é mais uma officina do que um templo. O drama deve ser antes um *libello* do que uma successão de punhaes gottejantes, de cadafalsos. A nossa idade é a idade das objectividades. Os Othellos hodiernos já não trajam como o mouro de Veneza, e tão pouco os Hamlets.

Dramas urdidos a punhaladas e concatenados a sangue poderão ser uma pilha electrica applicáda ao systema nervoso dos espectadores, porém nunca a expressão concisa da nossa idade, e menos ainda livro aberto ao estudo dos problemas sociologicos ou individuaes.

As artes devem corresponder ao tempo, para que não tenhamos as antitheses, as monstruosidadés. Os Hugos por

mais alevantados que o sejam, não podem synthetisar todas as idades.

Chega tambem o dia em que os *Cromwells* cahem, isto é, passam a subjectividade da historia.

Antes de pretendermos recrear, desejamos convidar a todos á reflexão de umas tantas idéas que constituem o credo, não sómente nosso, como de uma grande parte do mundo que pensa. Vimos collocar-nos ao lado d'aquelles que pleiteam a grande causa sociocratica da reorganisação do mundo moral, sem convenções, sem prejuizos, sem preconceitos, mas assente sobre a liberdade relativa, que tem por extremos o dever e o direito. É uma idealidade, sem duvida, porém o ideal não é outra cousa senão a imagem do real.

A nossa época, tendente á solução final do problema que de ha seculos foi proposto á raça humana, isto é, a realisação do grande ideal—solidariedade universal, que, no dizer de Theophilo Braga, vai sendo traduzido em facto pelas relações commerciaes e juridicas, pela communhão scientifica e pelas vantagens industriaes », precisa afirmar-se de um modo energico, significativo. O seculo XIX, immenso pelo seu progresso material e intellectual, não o deve ser menos pelo seu progresso ético; e quando não seja elle quem firme o grande ideal de uma vida mais perfeita, mais forte, pela sua infirmezza theocratica, que seja pelo menos o transmissor dos germens de tal aspiração.

Lá fóra, nos grandes centros europeus, onde mais se trabalha, debatem-se com afincio na propagação da grande reforma politica *sem rei e sem Deus*, o que quer dizer sem odios e sem guerras, aquelles que vivendo do presente olham para o futuro.

É uma grande aspiração, sem duvida; mas será esse o maior embaraço que encontra a raça humana para attingir á perfectibilidade sonhada? Não.

Os reis e o altar são um grande impecilio que a humanidade encontra em seu caminho, por isso que são a **incarnação do absurdo**—a força da fé e a força da brutalidade,—a fé que não se discute e a brutalidade que não se convence; porém elles, como simples instrumentos da evolução superorganica, estão prestes a desaparecer, sem que entretanto a raça humana toque á **méta desejada**.

E' que peor do que elles, existem os preconceitos que adherem ao homem e o acompanham na **trajectoria da vida**. Sem que se tenha abatido estes, a sociedade não pôde ser perfeita, jámais attinge ao seu fim.

Isto não é trabalho de uma geração, certamente; mas a **lucta não é de hoje**, tem-se prolongado atravez os seculos.

Desde as éras mais remotas do mundo que a humanidade **batalha pelo triumpho d'essa idéa**. E ninguem lhe imprimiu maiores impulsos que as religiões christãs.

Os povos, experimentando todas as fórmas politicas por que ha passado, nada mais têm feito que pretender chegar até ahi o mais cedo que lhes é dado; mas sem que o mundo tenha passado por todos os periodos da **evolução organica**, entrando em plena idade positiva, sem que se haja libertado da anarchia que o esmaga, não lhe será **possivel**.

Emquanto o egoismo preso á ignorancia, não for vencido pelo altruismo unido á sciencia, todas as tentativas de **reforma serão inuteis**, porque não se transformarão em **facto**.

Ha muito quem diga que a completa **igualdade social** é uma idéa extravagante, uma utopia; mas o que é a utopia? *C'est un idéal que se réalise quand la pensée individuelle entre dans la conscience général*, como preceitúa Laurent.

E d'ahi, não basta dizer; é necessario demonstrar.

Para negar-se a realidade das doutrinas socialistas ou **sociocraticas**, é necessario apagar todos os traços lumi-

nosos do passado, todas as gloriosas manifestações do presente e dizer ao mundo: *pára*. A sciencia cosmopolita, as artes e industrias universaes, o pensamento ganhando azas com o telegrapho e a imprensa, a personalidade desaparecendo sob a grandeza da idéa, o que quer dizer senão a accentuação do socialismo? senão o triumpho da inteira igualdade social?

Mas o que mais deve assombrar é que proprios discipulos de Comte sejam d'aquelles que assim se manifestam, temerosos talvez do absoluto—quando as sabias doutrinas do grande mestre são tendentes a isso. *A religião da humanidade* será outra cousa?

O socialismo, que a tanta gente apavora, e mo se fôra um *pampeiro* varrendo o mundo, não é outra cousa senão a proclamação da omnipotencia do trabalho, senão a junção da humanidade em um só ser collectivo, com as multiphas manifestações de todos os seus membros componentes; é a humanidade vivendo de si e por si, na observancia fiel das leis naturaes, que são immutaveis e que a regem; é a inteira igualdade social e politica de todas as classes que compõem o grande todo, sem que percam a feição que as caracteriza.

A sociedade humana é um corpo, e os orgãos de um corpo são iguacs entre si.

Fallando em inteira igualdade, não se pense que fallamos nessa igualdade abstracta do homem-synthese, isto é, de estar cada um habilitado a tudo fazer, a tudo exercer, o que iria de encontro á lei veridica da complexidade e implicaria negação da mesologia; não, referimo-nos á igualdade natural, legitima, que não vê no operario, no artifice, no proletario, um ente abjecto, condemnado á servitude, e no magistrado, no medico, no lecionista, etc., um semi-Deus; mas, em todos, homens ligados pelas mesmas precisões, com os mesmos deveres e com os mesmos direitos. As classes sociaes, sendo a grande manifestação dos

instrumentos do progresso, da civilização, por isso que denunciam a divisão do trabalho e a abundancia do capital, não são marcos divisorios afastando os homens uns dos outros e levando-os a olharem-se rabidos, desconfiados, visto que liga-os o interesse commum, o fim mutuo, nivela-os a dependencia reciproca.

« Pelo lado material, as classes são diversas, por isso que cada uma d'ellas tem uma missão especial a cumprir no exercicio da vida, e nem se pôde prescindir d'essa diversidade, que é a lei da harmonia; todavia, não quer isso dizer que fica estabelecida a desigualdade en re ellas (\*).

A sociedade, para caminhar, precisa de uniformidade; de movimento. Aonde existe o preconceito, existe o impécilio.

O homem tem o dever de trabalhar, de ser honesto; o homem tem o direito de fruir os gozos e as considerações que estiverem ao alcance da collectividade dispensar-lhe.

Para chegarmos até ali vem a necessidade da abolição da propriedade absoluta para que se estabeleça a relativa, isto é, de ninguem, o que quer dizer de todos que trabalham, por isso que a riqueza é resultado de esforços collectivos.

Ora, do que fica dito é facil de deprehender-se que o nosso ideal é a humanidade una, solidaria; chegará ella até ahí?

Ha de chegar, porque isso é o que demonstram os factos. Mas como chegará?

Fortalecendo-se todas as classes com a educação scientifica, e fazendo-se cada individuo compenetrar-se de que o que constitue a natureza moral de cada um é o conhecimento e acção plena da dignidade e do dever, sen-

---

(\*) Manços d'Asia— ÀS CLASSES OPERÁRIAS, NO TRABALHO.—Novembro de 1879.

timentos que lhe são immanentes e que podem ser desenvolvidos e encaminhados pela acção exterior do meio social.

Se é certo que os máus exemplos corrompem, os bons devem corrigir. O máu meio gera monstros; o bom deve produzir homens. Isto não quer dizer que acreditamos que haverá um dia em que toda a humanidade será boa mas sim que chegará aquelle em que a maioria, sendo optima, subrepujará a minoria pessima.

Uma sociedade sem *Deus e sem rei*, o que equivale dizer-se sem escravidões, é uma sociedade autonómica; porém para que essa autonomia seja uma verdade pratica é necessario que todos os homens estejam despidos de prejuizos e olhem-se como feitos do mesmo metal, como dirigindo-se ao mesmo fim, gozando das mesmas regalias e sujeitos ás mesmas intemperies, ligados pelos mesmos dircitos e pelos mesmos deveres.

\*  
\* \*

A intenção é boa; máu grado isso, o bom do leitor, que paga para recrear-se com o alambicado da phrase, muita vcz ôca, tomar-se-ha, sem duvida, de tedio ante uma monstruosidade litteraria que deve redundar em sem-saboria, que lhe deve apresentar a feição de uma humilia domingueira declamada pela bocca de um santo capuchinho. Entretanto vem aqui a bello saber-se onde consiste o merito de um producto de arte, se na fórma, se no fundo.

Estamos certos de que muita gente opinará pelo primeiro caso; nós vamos pelo segundo e digamos porque.

A fórma é transitoria, como transitorio é o meio em que se gera; ella é uma consequencia do invento individual; pôde ser sublime, pôde divertir, porém não é a isso que se dá o nome de arte.

A arte é a idéa do real ou do abstracto, incarnada.

no trabalho humano. Sua missão não é simplesmente re-crear: deve haver em si alguma cousa de mais utilitario, de mais nobre. Fallando ao coração e ao espirito, ella é um instrumento do progresso intellectual e moral do mundo. Pelo sentimento toca-se ao fundo do espirito, que é a faculdade de sentir; pela verdade chega-se ao dominio da consciencia, que é a faculdade de pensar, que é comparar.

A arte, pois, deve ter por fim a verdade, que é a idéa atravez do sentimento, que é a commoção, que é o instincto do ideal, na phrase conceituosa de Sylvio Roméro.

O merito de um trabalho litterario não está em sua fórma (que deve se tornar recommendável), mas sim no fundo, que precisa ser seguro, que necessita ter o peso do raciocinio. As fórmas são os vestidos do pensamento, que deve ser o reflexo de uma idéa.

Em tal caso, comprehende-se que a litteratura deve ser mais objectiva que subjectiva, mais humana que sobrenatural.

Não se conclua d'ahi que somos d'aquelles que pensam que a arte é uma imitadora servil da natureza; não: ella tem por missão ser original; porém essa originalidade sua deve ter o seu cunho de verdade, e a verdade não vem senão da observação e comprehensão do natural, physico ou moral, sendo o melhor producto artistico aquelle que mais se aproxime da realidade homogenea ou complexa.

Se a arte litteraria não é uma photographia, não obstante deve tender á firmeza e a exactidão della. O livro sendo um educador, deve conter alguma cousa que o leitor já conheça, porque é pelo que já se conhece que chega-se ao desconhecido.

O conhecido é fastidioso, dirão. Mas o que não é fastidioso na existencia humana? Haverá possibilidade de estabelecer-se o estalão do gosto?

« Ninguém tem o direito de impôr a outrem seu prazer e a sua natureza, escreve Taine; ninguém tem o direito de emprestar a outrem a sua natureza e o seu prazer.

«..... O que é obscuridade e tédio para este, diz ainda o mesmo escriptor, torna-se clareza e attracção para aquelle.»

Vê-se, pois, que os gostos são multiplos, e, sendo assim, claro está que multiplos devem ser os estylos, que *c'est l'art de se faire écouter et de se faire entendre.*

Jámais deve-se ter a pretensão de traçar normas para as creações do entendimento humano, que só tem a obedecer ás leis do bom gosto, do bom senso e ás da propria organização; sem embargo para que elle seja correcto, consequente, é-lhe necessario impregnar-se dos sentimentos do seu tempo, visto que as producções artisticas devem attestar a existencia da época que as inspirou, reflectindo syntheticamente todos os defeitos e bellezas d'ella e denunciando, de envolta a isso, a phase evolutiva por que passou a intuição critico-philosophica. E' isto que recommenda á admiração das gerações hodiernas os multiplos productos do genio antigo; são esses principios que perpetuam em nossa memoria as epopéas homericas, assim como os dramas shakspeareanos. Sem elles, Dante, Voltaire, Schiller ou Camões, não se teriam tornado immortaes, por isso que seriam incompreensiveis.

O livro que não nos expressa explicita ou implicitamente a sua época poderá ser uma preciosidade, porém jámais um bom livro. O homem e a natureza, são sempre os mesmos em todos os tempos; porém em cada época têm o seu modo de revelar-se particular e são encarados segundo o gráo de civilisação a que se ha chegado.

O mundo moral, está estabelecido entre duas leis instaveis:— a conservação e o progresso, que actuaem estatica e dynamicamente. O progresso não é a transfor-

mação subita e radical das cousas, como a conservação não é o estacionarismo. As idéas, que são as imagens do real ou do abstracto, umas ficam e outras se transformam, na sucessão das idades, ao perpassar das gerações. Estas, como aquellas, estão sujeitas á acção do tempo. Cada uma das idades não é senão collaboradora da anterior, no sentido subjectivista, e da posterior, no objectivista.

O passado é eterno; mas na passividade. Elle merece a admiração do presente, sem que todavia tenha a pretensão de lhe ser superior ou o suffocar.

As escolas litterarias, como as escolas politicas e philosophicas, são continuidades de si mesmas: eis porque nenhuma d'ellas deve ter a presumpção de ser a expressão fiel da verdade, julgando-se superior uma á outra. O repellirem-se é uma lei de progresso; e desrespeitarem-se é uma sentença de morte.

O classismo fôra o iniciador do romanticismo, como o romanticismo do realismo. Antes que a philosophia fosse metaphysica, foi theologica, como antes de positiva foi metaphysica.

E' que nenhum phenomeno, seja qual for a sua ordem, é acontecimento isolado; busque-se, e ha de encontrar-se sua inteira ligação a phenomenos anteriores, que por sua vez prendem-se a outros mais remotos.

\*  
\* \*

Quando escrevemos este nosso trabalho, não cogitámos no effeito que poderia produzir—por isso que jámais tivemos a esperança de vel-o parar no palco, já por nos acharmos convicto de que tendo de passar pelo Conservatorio Dramatico—essa força da liberdade do pensamento seria elle estrangulado em nome da *moral* e da *religião*, como tem acontecido a outros menos *atheus* e menos *perversos*, e com o maior desrespeito do § 3º do art. 179 da tão idolatrada Constituição do Imperio, já porque os empre-

zarios dos theatros d'esta côrte têm grande ogerisa aos dramas nacionaes, *sempre mal recebidos pelo publico*, como dizem, o que não deixa de ter a sua pontinha de verdade, mas bastante exaggerada por elles; colhiemos o facto que nos impressionou, e tratámos de o reproduzir.

Podem ser innumeros os defeitos aos olhos da *critica moderna*; mas do que ninguem nos pôde acoimar é de termos procurado produzir effeito por lances tragicos e adrede preparados; lances esses em que a verdade é sacrificada á convenção.

Se o romance tem necessidade de trazer em si o cunho da verdade, por isso que é a expressão de factos concatenados pela propria relatividade, muito mais o drama, que não é senão uma pintura do viver de uma época, ou de uma sociedade symbolisada nos differentes personagens apresentados.

O drama, se não é a ultima expressão da arte, é a fórma mais sublime a que ella tem attingido nos nossos dias e a que mais elementos possui para conservar-se por muito tempo. As suas difficuldades são immensas; mas o seu campo é vasto. Mais do que nenhum outro ramo dos commettimentos humanos, elle reclama o auxilio da sciencia, mas tambem nenhum outro tem maior influencia sobre o espirito humano.

A musica sensibilisa; a esculptura, como a pintura, extasia; a poesia enleva, arrebatá; mas são todos esses effeitos transitorios: apagam-se. O drama, porém, fallando ao coração, falla igualmente á consciencia, co-irmã da razão; é elle quem desperta no homem todos os sentimentos de entidade humana, tornando de mais em mais autonómica a sua individualidade, e consorciando-os a todos na communidade de um mesmo pensamento.

E' nessa immensa tela que melhor se pôde pôr em relevo, com suas côres innatas, todas as paixões, todos

os sentimentos e todas as luctas d'esse immenso mundo que se chama organismo humano.

O drama, como todos os productos do entendimento humano, tem passado pelas phases de uma verdadeira evolução, revestindo-se de novas fórmulas á presença de cada época.

Victor Hugo e Delavigne modificam os excessos do classicismo, como Dumas Filho e Sardou restringem os desvarios do romanticismo.

Aquelles banem para longe a omnipotência da espada e fundam o imperio dos *calções e do chinó*; estes inauguram a época do fraque. O drama, de nobre faz-se burguez e de burguez artezão; e o theatro assume seu papel de transmissor da verdade.

A tragedia cedêra lugar ao drama historico, e este por sua vez ao drama social. *Ernani* e *Luis XI* afugentaram *Hamlet* e *Cid*; *Marguerite Gauthier* e *Dora* substituíram bem aquelles.

A época de Dumas Filho, de Barrière e de Sardou já vai passando tambem.

O theatro sente-se cansado de demonstrar a reabilitação das Magdalenas; mas o que ha de fazer? A época ainda tem muito da philosophia christã, e elle não deve ir muito adiante do seu tempo.

Alexandre Dumas, estabelecendo o drama *intimo*, trouxe novas direcções para intuição critica; é talvez possivel que amanhã haja alguém que possa calafetar as bréchas por elle deixadas, que são muitas; esse alguém, porém, ainda não se denuncia. *O realismo absoluto*, aquelle que tão bellamente campêa no romance, não se pôde ainda apoderar do theatro e lá não chegará emquanto não entrar em transacções directas com a psychologia, que é a vida adquelle. (\*)

---

(\*) Quando aqui se representou *THEREZA RAQUIN*, de Emilio Zola,

Em nosso modo de pensar, supponmos que o drama tem preenchido seu fim desde que faça-se o reflexo da observação profunda e criteriosa de todos os factos da vida social ou domestica. Elle deve encerrar uma these, deve tender a um fim philosophico, apresentando uma solução real do facto estudado.

O dramaturgo não tem de modo nenhum o direito de fantasiar, por quanto sua missão é apresentar em cada uma das suas personagens um estudo seguro e fiel da entidade moral que buscou reproduzir. Os seus typos são verdadeiras photographias psychicas, de tal modo entrelaçadas que ainda as figuras accessorias precisam ser bem accentuadas para a perfeição do quadro.

Do desenho das figuras, de sua collocação, do movimento, é que nasce o bello do drama; ahi nada pôde à fantasia, porém a observação encaminhada pelo gosto.

O esculptor incarna a verdade physica no marmore; o dramaturgo deve incarnar a psychologica no drama: são dous artistas tendendo ao mesmo fim, isto é, ambos vestem de uma fórma distincta a entidade que observam.

A personagem de um drama é tambem uma estatua, como a estatua do esculptor é uma entidade: aquella recebe o sopro da vida do actor, que se incarna nella; olvidando o seu *eu*; esta, do espectador, que na muda contemplação de seus contornos, dos seus delineamentos, sente-lhe as pulsações da vida atravez da frieza do marmore.

\*  
\* \* \*

Em todo o producto de arte ha um pensamento intrinseco, o qual serve de base para o seu desenvolvimento extrinseco; no drama, esse pensamento é a these geral que o dramaturgo procura discutir segundo seu sentir e

---

já tinhamos escripto este prologo. O que dizemos é confirmado tacitamente pelo chefe da escola realista.

suas vistas philosophicas. Pois bem, a these primordial d'esse nosso trabalho é o amor, em sua accepção exacta; esse amor que, na phrase sapiênte de Jules Simon, substitue a brutalidade dos sentidos pelo sentimento do pudor, e, na de Saint-Bonnet, é a religião do matrimonio.

Mas o que é isso a que chamais amor? não faltará muito quem nos pergunte.

O amor é a tendência da mulher para o homem e do homem para a mulher; tendencia essa que já está preestabelecida pela dependencia mutua dos dous sexos. E se alguma lei ha que possa fortaleccer, que possa perpetuar a junção, é a plena consciencia do dever reciproco, isto é, a consciencia de que contrahiram a obrigação de se amparar e respeitar mutuamente, e que, portanto será infame aquelle que faltar á fé do contracto. Vem d'ali a nullidade do casamento, como facto necessario.

E' *immoral!* bradarão os moralistas *enragés*. Immoral o que? um acto conforme as leis naturaes? Enganai-vos.

Apresenta-se-nos a necessidade de uma pergunta:—O que é que se deve comprehender por moral? Será a sanção da hypocrisia? Será a satisfação das conveniencias? Pensamos que não.

A moral deve ser a consequencia do respeito commum baseado na dignidade e no dever. A pratica de um acto que seja repulsivo á dignidade individual, é uma immoralidade, porque traz o aviltamento da entidade moral aos olhos da consciencia propria. E a ligação de dous seres humanos pelo laço unico verdadeiro—o amor, não póde de modo algum ser repulsivo á dignidade humana, por isso que existe o seu assentimento tacito e positivo. Mas o casamento é a *legitimação* d'essa união, direis, e sem elle é immoral.

O casamento é uma conveniencia familiar; poderá ser mesmo uma convenção; a moral é um sentimento nato.

Não é esta quem reclama aquelle, e tão pouco aquelle quem estabelece e firma esta.

Onde não ha a noção plena do dever, não será certamente o *casamento*, isto e, a appellada *sanção* da junção dos dous entes, que irá despertal-a ou siquer fomental-a. E se assim fôra, se o *casamento* tivesse força para modificar ou transformar a natureza psychica dos seres humanos, collocando-se por esta fórma ao lado da medicina, como um novo ramo seu, ha muito que teriamos visto desaparecer do seio da familia essa ulcera cancerosa que a abate, que a aniquila e que a destroe, que se chama — adulterio — expressão synthetica da hediondez moral, cuja responsabilidade é assás diversa nos diversos casos.

A mulher não é honesta, casta pundoonorosa porque é casada, e assim pensar-se é uma injuria que a ella se arroga, por isso que se lhe castra a autonomia, a vontade, a intelligencia de ser humano deixando-se a, reduzida a simples animal guiado pelo instincto de conservação, porque então diz ella: — possuo um senhor; se faltar aos compromissos que me impoz a lei, elle tem o direito de castigar-me, de matar-me, se tanto lhe approuver! Será isso uma sublimidade? Estará de acordo com as tendencias d'essa éoca tão preconizada da humanidade senhora de si mesma? do completo banimento das influencias theologicas? Não, de certo.

O que faz a senhora, essa diante da qual todos se curvam, que todos acatam, que é apontada como mulher forte, como typo de honradez, é o conhecimento que ella possui do bem e do mal, é que lhe assiste a certeza de que é obrigação sua manter-se na esphera das virtudes, não na esperança de ficticias recompensas n'uma *vida futura*, mas porque éo seu dever, se deseja ser respeitada, furtando-se assim á acção dos vicios, das infamias, que, enodoando-a, irão collocal-a na condição de um ente abjecto, desprezível, como é a prostituta ou adultera, essa que, introduzindo

no lar o vilipendio, do lar é repellido, sôffrendo assim o castigo da justiça humana. E encontra-se mais facilmente a inteira observancia de tudo isso em mulheres que jámais conheceram o estado conjugal, seja isso dito em honra da verdade e sem offensa ás muitas senhoras casadas.

Se entre conjuges não existe essa mutua affeição que leva-os a comprehender o quanto intimamente são subordinados, dependentes um do outro, o quanto se devem auxiliar no constante batalhar da vida, e, mais do que tudo, o quanto se devem respeitar e honrar, não será o sacramento ou a regisração do contracto que fará de tal união um bem commum.

Immoraes, por consequencia, são esses conn'bios em que nenhum outro sentimento, além da conveniencia familiar ou social, tem co-participação, o que, diz Saint-Bonnet, é já um adulterio monstruoso, sendo uma violencia feita á physica familiar, por isso que a physiologia nos diz que é o amor conjugal que fomenta e dá origem á familia.

Se a humanidade caminha para o seu aperfeiçoamento, deve cessar o imperio das convenções, para erguer-se o da realidade pura.

O amor é um sentimento innato da humanidade; veio ao mundo com ella, e, muito antes que se estabelecessém as religiões, os systemas, e toda essa immensa machina de convenções, elle já imperava; e, quando tudo isso desapareça, elle há de subsistir.

Neste ponto seremos um utopista para muita gente; mas se ha uma pécha que nada nos affligirá é essa, porque é assim que em todos os tempos são encarados os grandes principios.

« A lucta dos bons contra os máus principios, diz Guizot, é o estado permanente do mundo. E, accrescentaremos nós, as idéas novas são fantasmas que ame-drontam as velhas receiosas de cahirem. Toda a tentativa

no sentido de nova direcção á marcha do mundo assusta a ordem estabelecida; porém a razão, que é luz, vence sempre.

O nosso fim, pois, no presente drama, é provar que o amor, quando é verdadeiro, subsiste sempre e que é elle a base unica da junção dos entes humanos, que é quem dá origem e sustenta a familia, amparando-a o dever; que o ciume torna-se muitas vezes uma doença em certos organismos; apontar o quanto é perigoso o contagio de certos entes com uma mulher honesta, e, mais do que tudo, demonstrar á luz da evidencia que o operario não é um ente repulsivo, uma excrescencia no organismo social. Quando educado e instruido, é um tão bello ornamento social quanto qualquer outro homem dotado das mesmas riquezas. Elle ahí vai. Julgue-o quem o quizer.

MANÇOS D'ASIA.

Rio, 14 de Junho de 188).

---

## PERSONAGENS

Jorge de Magalhães.....	25 annos.
Gustavo dos Santos.....	30 »
Henrique Mendes.....	22 »
Polycarpo de Abreu.....	60
Commendador Lopes de Souza.....	40
Ernesto de Mello.....	18 »
Joaquim Curvêllo.....	25 »
Laura de Lemos.....	25
Luiza, sua irmã.....	18 »
Thereza Gomes.....	35 »
Um agente de policia.	

Acção passa-se nesta côrte. Actualidade.





# ACTO I

Sala decente, mas modestamente mobilada, em casa de Jorge. Gabinete ao fundo, porta e janella a esquerda, porta do interior a direita.



## SCENA I

### Jorge e Gustavo

*(Ao subir o panno estão ambos sentados, como continuando uma conversação).*

GUSTAVO.— Ora vamos, meu amigo! As tuas theorias são muito boas, excellentes mesmo, mas para o seculo vindouro; em nossos dias, com os sentires de hoje, jámais deixarão de ser tidas como tresloucadas utopias.

JORGE.— Podes pensar como melhor te approuver: é esse o sagrado direito do espirito; porém para mim são e serão sempre firmes realidades. O que vem a ser isso ao que chamam casamento? Será a sancção da fusão de dous seres que, attrahidos um para o outro, buscam illidirem-se na organisação de uma nova individualidade distincta? Qual o sentimento que serve de base a tal junção? O amor. Quando este não se faz o apanagio de um par, não é certamente a benção sacramental ou a registração do contracto que traz-lhe o bem-estar, a felicidade commum. Vê-se, portanto, que o casamento será uma conveniencia, mas nunca uma necessidade social.

GUSTAVO.— Mas o que é o amor ?

JORGE.— E' o grande sentimento que do bruto faz homem ; é a lei natural da junção dos seres que compõem as duas metades em que se divide a especie humana.

GUSTAVO.— Ao contrario, meu amigo: o amor não é senão um producto transitorio dos sentidos inflamados pelas emoções sensuaes, ou, melhor, uma fantasia de poeta doentio. Começa violento como os furacões, para acabar tedioso como um discurso parlamentar; nasce de um olhar, dizem, e acaba por outro.

JORGE.— São palavras de um sceptico. O que vem dos sentidos, Gustavo, é a sêde do gozo; a fantasia do poeta é a cupidez infame dos espiritos corruptos. O amor é a dedicação consciênte e mutua. Seus laços é que são indissolueis, porque foram apertados pela mão da natureza, sem calculos, sem convenções. Qual a barreira, qual a defesa que fornece o casamento á mulher contra os ataques da seducção, contra a pratica do adulterio? O temor do punhal do marido, que arroga-se um direito absurdo? Não: o que sustem a mulher para que não chegue até o crime é o conhecimento firme do que deve a si propria. A honestidade, a virtude mantida por ella, não é uma consequencia do casamento, é um dever, se quer merecer a consideração e o titulo de senhora; e esse dever não é senão o resultado natural da educação intellectual, isto é, da educação da vontade e do sentimento. Não é igualmente o estado, a posição, que faz a senhora, como não é a riqueza que faz o homem honesto: é sim a consciencia plena do bem e do mal. A honra, Gustavo, é como a liberdade: só tem por limites o dever absoluto e o dever relativo.

GUSTAVO.— Mas onde não existe a consciencia do dever, não existe a noção do respeito, e consequentemente a idéa do moral.

JORGE.—E' concludente e logico o teu argumento ;  
entretanto, nenhum subsidio presta á sustentação das tuas  
opinões. Ha porventura leis que de um automato façam  
uma entidade moral? Pega uma hystericia, easa-a, e vê se,  
com o influxo do teu casamento, conseguirás fazer d'esse  
monstro feminino uma senhora.

GUSTAVO.—Oh ! mas a que papel queres então levar a  
organisação da familia ?

JORGE.—Ao que lhe está traçado pelas leis naturaes.  
Não considero a familia senão como o resultado legitimo  
d'essa lei. O amor dá-lhe origem, o amor mantem-n'a ;  
não lhe vejo outros laços além dos sanguineos.

GUSTAVO.—Mas deves bem notar que, se assim fôra,  
tocariamos á anarchia moral, e, consequentemente, á dis-  
solução social.

JORGE.—Ao contrario, meu caro : teriamos a consoli-  
dação da sociedade sobre bases mais largas. São as con-  
venções, os preconceitos, que aniquilam a moral e  
anarchisam as sociedades. Leis sociaes que ferem de frente  
leis naturaes, mais não são que o virus corruptor.

GUSTAVO.—Não deixo de encontrar os seus laivos de  
razão nas theorias que expendes, mas a sociedade... er-  
guer se-ha, sem duvida, implacavel.

JORGE.—A sociedade é uma estúpida, meu amigo ; é  
um corpo de lama com um espirito de Lazaro. Ella mostra  
as canellas gretadas nos aleouces, á meia luz das baiúcas,  
e faz de senhora ás irradiações do dia ; embriaga-se, rouba,  
calumnia e deshonra na sombra, para vociferar e bramar  
contra tudo e contra todos, ante aquelles que, não a co-  
nhecendo, depositam-lhe credito. Ella é a hydra moderna,  
e eu bem quizera ser o novo Hercules.

GUSTAVO.—Que inflexibilidade de theorias !...

JORGE.—São filhas da nossa época. Temos chegado já á idade de uma grande reconstrucção social. Até hontem habitavamos o mundo das convenções ; hoje tocámos ao das realidades positivas.



## SCENA II

### Os mesmos e Henrique

HENRIQUE (*entrando muito apelintrado*).—Oh ! Pilades e Orestes !... Folgo bastante por vel-os !...

GUSTAVO (*apertando-lhe a mão*).—Lovelace !

HENRIQUE.—O que fazes por aqui, meu caro ? Acaso recebias alguma lição de moral ? E' bem provavel. A moral é o fraco do nosso amigo Jorge, um verdadeiro Degenais.

GUSTAVO.—A moral do seculo das luzes. Tratavamos de um assumpto muito em voga, e aliás de subida importancia.

HENRIQUE.—Era da nova organisação ministerial ? O novo gabinete está condemnado a morrer de chloro-anemia ; nasceu de um ventre obeso.

GUSTAVO.—Não ; tratavamos de cousa mais importante : do casamento.

HENRIQUE.—Do casamento !... *Abrenuncio* !... Porque não me avisaram a mais tempo ? ! Não teria transposto o limiar d'aquella porta.

JORGE.—Quando é que has de deixar de ser criança, Henrique ?

HENRIQUE.—Criança !... E' boa !... Casamento e farda são para mim os mais pavorosos espectros.

GUSTAVO.—Todavia isso não impede que namores ?

HENRIQUE.—E' proprio da minha idade. Namora-se para matar o tempo, antes que o tempo nos mate.

JORGE.—Bom divertimento !... Desinquietar as donzellas, fazendo-as muita vez nutrir uma esperanza e sacrificar-se mesmo, e dar-lhes por premio o chasque dos amigos !...

HENRIQUE.—Nisso é que consiste a graça. Aposto que nunca namoraste ?

JORGE.—Jámais.

HENRIQUE.—Pois olha, meu amigo, não posso deixar de chamar-te homem de gelo ! Ha nada melhor que, á tardinha, quando o sol tem verberações ictericas e as brisas andam a suspirar lamentos a gente passar por defronte da janella da *pequena*, fazer-lhe certos signaes e ella sorrir-se com uns labios de carmin ? Ir a um baile, e naquelle oceano de luz, flores e perfumes, fazer a côrte ás pallidas Julietas e vél-as languirem como se foram estrellas sentindo a nostalgia do azul celico ? Nos passeios, nas festas, nos theatros, em toda parte, finalmente, permutar pilherias, ditos chistosos com todas as deidades, cada qual mais bella e seductora ?

JORGE.—Achas tudo isso muito natural ?

HENRIQUE.—Natural e divertido ; é o que se pôde chamar sentir e gozar.

JORGE.—Entretanto, consente que t'o diga : enxergo ahi uma prova triste e irrefragavel da decadencia moral da nossa sociedade.

HENRIQUE.—Venha lá a lição.

JORGE.—E' n'essa atmospherã que se originam e desenvolvem os germens das grandes enfermidades moraes.

Aquillo que na apparencia tem a feição de simples puerilidade, no fundo não é senão um terrivel elemento de anarchia social. Esses galanteios, que começam por fascinar a ingenuidade, terminam por suffocar o pudor feminino e fazer da mulher um cadaver.

HENRIQUE.—Exageros teus! E, d'ahi, em nossa idade, tudo é desculpavel.

JORGE.—Enganas-te: a idade não é um manto com o qual se deva envolver a insensatez.

GUSTAVO.—E' forçoso dizer-t'o, Henrique: és um dos muitos loucos que por ahí formigam, e para os quaes ainda não possuímos um hospicio.

HENRIQUE.—Sou o que bem quizerem, menos simplorio. E depois, não sei comprehender essa frialdade de homens como vossês, organismos sem nervos. Ou a mocidade é o jubilo, o prazer sem fim, ou a velhice começa no berço. Se está no primeiro caso, desfructemol-a antes que chegue o seu termino; se está no segundo, somos mais desgraçados que os proprios vegetaes, que bem demonstram gozar a sua, e eu protesto contra semelhante absurdo, furtando-me a elle. E, d'ahi, tanto não vale a vida para que logo no seu alvorecer condemnemo-nos a permanecer nas estreitezas de uma moral tão arida e regulada como um tratado de mathematicas. Mocidade, meus amigos, quer dizer gozo de tudo quanto é bom.

JORGE.—E de tudo quanto é máo?

HENRIQUE.—E de tudo quanto é máo, porque no mundo ou tudo é bom, ou tudo é máo... Ah! ia esquecendo-me de communicar-lhes uma novidade fresquinha.

GUSTAVO.—Uma nova conquista, sem duvida?

HENRIQUE.—Adivinhaste; trata-se, nem mais nem menos, de uma menina que tive a dita de encontrar no do-

míngo ultimo, nas archibancadas do hypodromo, quando sob as acclamações dos mais entusiasmados amadores, tocava ao ponto terminal um fogoso *pur-sang*. A moça ria-se freneticamente e tomava parte nas grandes apostas com um enthusiasmo britannico!

GUSTAVO.—E que tal é ella?

HENRIQUE.—Fallando-lhes verdade, não posso dizer que é bella: não possui esses attractivos que de ordinario procuramos; mas é uma mulher bonita, no rigor da expressão. É uma brazileira talhada á ingleza, com *unctis parizienses*. Fórmãs de senhora e modos de criança, um verdadeiro demonio de saias e tacões a Luiz XV. E, segundo as informações que colhi, é viuva e de grandes capitaes.

GUSTAVO.—E então?

HENRIQUE.—É que por ella estou muito disposto a dizer adeus ás bohemias e cortar as azas.

JORGE.—Por ella não; dize antes por aquillo que aguçou-te o appetite. Ah! meu amigo, feliz da mulher que póde firmar o seu imperio sob o ouro!

GUSTAVO.—São as verdadeiras senhoras, porque até compram maridos.

HENRIQUE.—Não deixo de concordar; mas o que querem? Se a época é toda do realismo!... Hoje a humanidade é uma machina, cujo motor é o ouro. Caminhamos todos a um fim unico:—brilhar e desfructar. *Au plaisir et voilà tout!*

JORGE.—E esse fim é bastante seductor? Tem por trilhã meios bem faceis? Basta ter-se consciencia elastica, dorso flexivel e character amoldando-se a todos os jogos? Rasteja-se e lambe-se os pés dos poderosos como os cães

que colhem as migalhas de sua mesa, se é arrogante e austero ante os humildes, quando/nos empacham a passagem? Se é a isso que chamam saber caminhar para o alcance da felicidade, jámais quero chegar até lá.

HENRIQUE.— E lá tens as tuas razões. Tomas talvez a vida como cousa seria? Eu não. Tenho o mundo como um theatro e a vida como comedia, e comedia no estylo das do Penna. Todos nós somos espectadores e nós todos actores. Hoje estamos da platéa applaudindo estes, amanhã aquelles, por sua vez, nos applaudem. E eu, que nasci comico, procuro conservar-me engraçado.

GUSTAVO.— Não; tu és gracioso, porém jámais chegarás a engraçado.

HENRIQUE.— Seja assim; ainda em tal caso estou no meu papel.

JORGE.— Papel que, pelo excesso do seu ridiculo, vai dando-te a feição de histrião da feira do Espirito-Santo.

HENRIQUE.— Como o teu, que, por sua gravidade, dá-te arés de pai nobre, á guiza dos das comedias de Soulié.

GUSTAVO.— Basta de remosques. Se como dizes a vida é uma comedia, differente é o papel que cabe a cada um de nós. Nós outros fazemos de pais nobres, como disseste, tu de galã: contentemo-nos, pois, com o papel que cada qual representa, sem nos importarmos com a boa ou má interpretação que dê outrem ao seu. Se andar bem ou se andar mal, lá estão os espectadores para victorial-os ou pateal-os.

HENRIQUE.— Exactamente; e ninguem poderá fazer mais justiça, porque são officiaes do mesmo officio.

JORGE.— Salvo o velho rifão que diz que o nosso maior inimigò é o official do nosso officio.

## SCENA III

### Os precedentes e Luiza

LUIZA (*vindo do interior*).—Meus senhores!

HENRIQUE.—Minha senhora!

GUSTAVO.—D. Luizinha!

LUIZA.—Oh! seja bem apparecido! Julguei que houvesse esquecido a porta d'esta casa!

GUSTAVO.—Ha já bastante tempo que por aqui não venho; mas, se ali ha culpa o menos peccador sou eu.

LUIZA.—E como se justifica d'es a falta?

GUSTAVO.—Actualmente o trabalho tem duplicado de tal modo, que apenas temos tempo para comer.

HENRIQUE.—E' exacto; ainda hontem sahimos da typographia ás 2 horas da madrugada!

LUIZA.—Ah! o senhor tambem é typographo?

HENRIQUE.—Não, excellentissima; sou *ex isor*, ou, mais portuguezmente, limador do trabalho alheio.

JORGE (*que tem estado a escrever*).—Com licença, meus amigos.

GUSTAVO.—Bem sabes que não somos de ceremonias. (*Jorge sahe*).



## SCENA IV

### Gustavo, Luiza e Henrique

LUIZA.—E' uma bella arte, a typographica, não é assim, Sr. Gustavo!

HENRIQUE.—E' o facho radiante do progresso!

GUSTAVO.—Guttenberg foi tambem um pai da humanidade, porque dotou-a com o instrumento que devia desbravar o caminho da sua liberdade.

LUIZA.—Porém é muito triste a condição do typographo, não acha ?

GUSTAVO.—E' miserrima, como a de todos aquelles que vivem do trabalho honesto.

LUIZA.—Mas de quem é a culpa ?

HENRIQUE.—D'elles mesmos.

GUSTAVO.—Graças a Deus ! Uma vez fallaste com acerto.

HENRIQUE.—Obrigado pelo elogio !

LUIZA.—Mas não será possível suavisal-a ?

GUSTAVO.—Nada é impossivel, D. Luizinha ; porém é necessario que os operarios compenetrem-se do quanto valem e do quanto podem ; que cheguem á mais veridica das conclusões, que é : se elles necessitam dos capitães muito mais precisam os capitalistas d'elles.

LUIZA.—Mas o que podem ?

HENRIQUE.—E' tão simples ! Uma vez que não são attendidos, é abandonarem as officinas.

GUSTAVO.—Não, porque então maior seria o mal. E' necessario estar prevenido contra os revezes. Organizada uma sociedade que tenha por fim os melhoramentos materiaes e moraes do proletariado, concorrendo para isso todos os operarios, poderão ser reconhecidos no conjuncto social os seus direitos e a sua autonomia. A força de uma classe consiste nella mesma.

HENRIQUE.—Ácho isso muito razoavel.

GUSTAVO.—Uma vez tal feito, nenhum outro recurso teriam os Srs. proprietarios senão conformarem-se, acei-

tando as condições, e por seu turno chegariam á comprehensão de que o ouro é um intermediario e não uma força activa.

HENRIQUE.—Bravissimo!... Fallas como um verdadeiro socialista! ..

GUSTAVO.—Dize antes: como um homem que tem cerebro.

HENRIQUE.—Rousseau e Proudhon apertar-te-hiam em seus braços se pudessem levantar-se de seus tumulos. E digo mais: se todos os operarios tivessem uma cabeça como a tua, cahiria por terra o monopolio da propriedade.

LUIZA.—Como?

HENRIQUE.—Pois V. Ex. não'sabe? A propriedade absoluta é um roubo que se faz ao operario.

GUSTAVO.—Henrique diz a verdade. O operario é uma machina que trabalha incessantemente em proveito de outrem.

LUIZA.—Mas não lhe pagam?

GUSTAVO.—Os juroz tão sómente, D. Luizinha, porque todo capital é productivo, e o trabalho do operario é tambem um capital, que concorre para a riqueza alheia.

HENRIQUE.—E ainda ha quem diga que a humanidade progride!... A' guiza do bond, póde bem ser.



## SCENA V

### Os mesmos e Jorge

JORGE (*entrando e apertando-lhe a mão*).—Muito bem, meu amigo, muito bem!... Ouvi tudo quanto aqui dizias, e vejo que não é tão grande como pensavamos a distancia que nos separa: unifica-nos o mesmo pensamento.



LUIZA.—Como ! pois já se retira, Sr. Gustavo ?

GUSTAVO.—Julgo que temos conversado bastante ?

JORGE.—Trabalhas hoje ?

GUSTAVO.—Talvez que não ; porque ?

JORGE.—Quero que venhas jantar connosco. ~~Alice~~  
entra hoje no seu segundo anniversario.

GUSTAVO.—Ah ! sim ? Apresso-me em felicital-os.

JORGE.—E eu em agradecer-te.

GUSTAVO.—Então até logo. (*Despede-se*).

LUIZA.—Sr. Gustavo.

HENRIQUE.—Posto que não me convidasses, ~~faço-me~~  
de casa. *A tantôt !*

JORGE.—Oh ! desculpa-me ; espero-te tambem.

HENRIQUE.—Serei pontual como um inglez ! ~~Minha~~  
senhora !

LUIZA.—Senhor...

HENRIQUE.—Henrique Mendes de Abreu. (*Sahem os*  
*dous*).

---

## SCENA VI

### Luiza e Jorge

JORGE (*que os tem seguido, voltando*).—Sempre o mes-  
mo estroina !...

LUIZA.—Quem é esse moço ?

JORGE.—Pois não o conheces ?

LUIZA.—E' a primeira vez que o vejo.

JORGE.—E' sobrinho do Sr. Polycarpo ; um tanto le-  
viano e mesmo doudo talvez ; mas no fundo bom rapaz.

Outr'ora estudava medicina ; porém, como é d'aquelles que pouco querem aos livros, confiando demais na lucidez do seu espirito e nos applausos dos collegas, que o chamavam *aguia*, *genio*! deu de encontro a arrecifes que não pôde transpôr. Abandonou então a academia e fez-se revisor, especie de becco sem\_sahida, porque não tem por si futuro nem garantia.

LUIZA.—E o Sr. Gustavo ?

JORGE.—Ah ! esse é um representante genuino da mocidade fluminense. De uma vez quer ao passado e ao futuro ! Talentoso, de alguma illustração, venerando Washington e admirando as glorias de Bonaparte; entusiasta de Rousseau e Comte. Seu pai, que era bastante rico e parecia querer-lhe muito, foi um tanto descuidado do seu futuro: esqueceu-se de legitimal-o. E ao passo que os irmãos ficavam senhores de boas fortunas, Gustavo nada mais herdava que a pécha de bastardo ! Filho pelas leis naturaes, era tido como estranho pelas leis sociaes !...

LUIZA.—E' possível ? Que pai ingrato !...

JORGE.—Não ; verdadeiramente não fóra d'elle a culpa, porque, em primeiro logar, sendo um homem rustico, nada sabia das leis, e depois seu testamento foi traçado em seus ultimos momentos, sob as vistas de interessados nelle.

LUIZA.—Mas semelhante documento...

JORGE.—E' o producto sublime da astucia dos bandidos que se aproximam da cabeceira de um moribundo para saqueal-o infamemente : podia ser annullado. Gustavo, porém, respeitoso á memoria de seu pai, soffre em silencio a espoliação.

LUIZA.—Sublime coração !... Mas os irmãos podiam protegel-o.

JORGE.—Para isso era necessario que fossem homens.

Irmãos pelo sangue, vinculados pelo nome, fizeram-se inimigos pelo preconceito ! Gustavo é filho de uma mulata liberta, os irmãos são brancos : tanto bastou para que os miseráveis se fizessem novos Cains !... Alguns bem intencionados fizeram resaltar aos olhos d'elles a desigualdade de fortunas motivada por um absurdo juridico, e elles responderam :—« Não temos irmãos negros, como se a cor da epiderma fôra um título de repulsão !... »

LUIZA.—Quanta miseria !.

JORGE.—São esses os miseráveis que precisam receber á face hedionda o esgarço do desprezo dos homens de bem. Erigam como elemento de discordia aquillo que é apenas um accidente physico !... Cegos, que não querem ver que o homem não é a pelle ; mas a entidade moral vestida por ella ! No caso de Gustavo, teria feito prevalecer os meus direitos de accordo com os recursos que facultam as leis.

LUIZA.—E o que conseguiria elle ? E' pobre, e bem sabes que em nossa terra o dinheiro é quem tudo póde e faz.

JORGE.—Nem tanto, Luiza. Talvez que existam em nosso paiz magistrados venaes que façam da Justiça mercadoria e do tribunal balcão, nodoando a toga e apunhalando a consciencia ; mas, por entre esses, apparecem valtos espartanos que têm a Justiça como religião e a firmeza de caracter como baluarte inexpugnável. Para estes, o ouro é assaz rasteiro para que os leve a fementir.

LUIZA.—És um máo juiz : julgas por ti.

JORGE.—E achas que faço máo?! Os pessimos juizes são aquelles que, julgando por presumpções, duvidam do caracter alheio.



## SCENA VII

### Os mesmos e Laura

LAURA.—Ah! já viste como está linda a nossa filhinha?

JORGE.—Não; mostra-m'a.

LAURA (*mostrando a criança*).—Vê, vê, meu amigo.

JORGE.—Cêus! como está linda!

LAURA.—São lembranças de Luiza. (*A Luiza*) Já acabaste-lhe o vestidinho branco?

LUIZA.—Está na maquina; mas vou acabal-o já. (*Sahe.*)



## SCENA VIII

### Laura e Jorge

JORGE (*olhando a criança*).—Está encantadora! (*Beija-a.*)

LAURA (*sorrindo*).—Olha! abriu os olhos!... E' o papai... Tola! Vê como sorri!...

JORGE (*que tem o olhar*).—Quanto é meigo o sorriso da innocencia!... E ainda ha mãs que possam repudiar estes anjos!...

LAURA.—Não o acredito!

JORGE.—Ha ainda pouco tempo que viste um triste exemplo. Margarida abandonou a filhinha, apenas com dous annos, para ir lançar-se no mundo equívoco.

LAURA.—Julgo que é preciso muita coragem!

JORGE.—E maior perversidade, Laura. A mã que não ama aos seus filhos não se respeita a si propria.

LAURA.—Oh! eu, se um dia me visse privada d'esta, indubitavelmen e morreria de dôr!... Creio, Jorge, que privar-se a mai de seus filhos é arrancar-lhe o coração.

JORGE.—Tambem assim penso; mas, para aquellas que se esquecem dos deveres da senhora, deye ser este o castigo. A maternidade é o mais sublime dos papeis que representa a mulher na sociedade. Aquella que não sabe ser mãe, é um monstro e como tal precisa ser fulminada.

---

## SCENA IX

### Os mesmos e Luiza

JORGE (*beijando a criança*).—Vai deital-a; dorme o melhor dos somnos.

LAURA.—Sim, o da innocencia. (*Entra no quarto*).

JORGE (*vendo o relógio*).—Duas horas! (*Dispõe se a sahir*).

LAURA (*voltando*).—Ah! vais sahir?

JORGE.—Vou; mas pouco me demorarei.

LUÍZA (*entrando*).—Aqui tens a sala da tua boneca.

JORGE (*examinando*).—Magnifica! Dir-se-lia trabalhada pelas mãos de uma d'essas fadas sonhadas pelos velhos bardos.

LUÍZA.—Não me lisongeie, meu amigo! Bem sabe que sou vaidosa.

JORGE.—Praza aos céus que as vaidosas sejam como tu, criada feita de coração e amor. (*Toma o chapéo*). Até já. (*Sahe*).

---

## SCENA X

### Luiza e Laura

LUÍZA.—E' uma boa alma, o nosso Jorge!

LAURA.—E um grande coração! O amor apaixonado

que me consagra, quasi fez-me esquecer já os tristes momentos do nosso doloroso passado.

LUÍZA.—Orphãs, teríamos succumbido á lei da miseria, se sua mão protectora não se estendesse até nós.

LAURA.—E por isso tornou-se credor de uma dedicação que comprehendi dever pagar com o meu affecto. Quiz desposar-me; recusei-o, certa de que já nos achavamos ligados por laços mais fortes. Nossos corações estavam já fundidos um no outro: ligava-nos a mutua affeição.

LUÍZA.—E o amor é a verdadeira felicidade da mulher, dizem.

LAURA.—Nunca amaste ?

LUÍZA.—Amei, e amo ainda; mas o objecto do meu amor é bem diverso do teu.

LAURA.—Sim !

LUÍZA.—Sinto inteiro desapego pelo mundo, e alguma cousa que me chama para junto da humanidade soffredora.

LAURA.—Comprehendo-te; tens o amor da caridade ?

LUÍZA.—E' isso ! Sinto em mim o desejo de dedicar-me ao serviço da religião ; quero curvar-me junto ao leito dos que soffrem e levar-lhes ao fundo da consciencia as doçuras da resignação e da fé.

---

## SCENA XI

### As mesmas e Polcarpo

POLYCARPO (*á porta*).—Dão licença, minhas senhoras ?

LAURA.—Oh ! o Sr. Polcarpo ; queira entrar !

POLYCARPO.—Ora esteja Deus nesta casa, já que lá fóra anda tudo numa revolução infernal ! Safa ! Não sei aonde

irá ter tudo isso! O Rio de Janeiro de hoje já não é aquelle que eu conheci outr'ora!... E' uma alluvião de carros, carroças, bonds, tilburys, para baixo e para cima, que, se a gente não tiver os olhos abertos, fica a servir-lhes de tapete!... E depois que peguem no homem da capa preta!...

LAURA.—E' uma consequencia do progresso, Sr. Polycarpo.

POLYCARPO.—Maldito seja esse progresso, que precisa azoinar a gente!... Mas entenderam que hão de fazer d'esta terra uma nova Babel, e adeus! Anda tudo em contradansa. E o mais interessante é que até a carestia tambem, progride!... Está tudo que é um Deus nos acuda! Ah! modernistas, modernistas! eu quizera poder pilhar-vos a todos e mandar enforcar-vos!

LUIZA.—Oh! mas porque tanta maldade, Sr. Polycarpo?

POLYCARPO.—Maldade?! E' o menos que merece essa turba de doudos, que está a attentar todos os dias contra os usos e costumes estabelecidos! Não ha que ver!... Vai tudo ás mil maravilhas! Em breve veremos os asnos nos coxins e os homens nos varaes!... Mas não nos occupemos com isso, que afinal de contas não adianta idéa! Que é do nosso amigo?

LAURA.—Sahiu ha pouco.

POLYCARPO.—Sinto bastante, porque trazia-lhe uma encomenda da parte de sua mãe.

LAURA.—Ah! e ella não ficou de vir?

POLYCARPO.—Nada me disse; porém é provavel que venha.

LAURA.—Sim, hoje é o anniversario da neta.

LUIZA.—E ella quer-lhe tanto!

POLYCARPO.—E' uma excellente senhora!

LAURA.—Tal filho e tal mãe!

LUÍZA.—Duas grandes almas!

POLYCARPO.—Com um só coração! Bem; uma vez que não o encontro, ponho-me já no último andar da rua.

LAURA.—E não janta conosco?

POLYCARPO.—Talvez.

LAURA.—Talvez, não; quero certeza.

POLYCARPO.—Pois vá feito; cá estarei eu e os meus quixos, que não são dos piores.

LAURA.—E porque não fica desde já?

LUÍZA.—Hoje é domingo.

POLYCARPO.—Já que o pedem...

LAURA.—Fica, não é assim?

POLYCARPO.—Para lhes ser agradável. E nesse caso aproveitaremos o tempo jogando a bisca.

LAURA.—Bem lembrado!

POLYCARPO.—A Sra. D. Luízinha ficou a dever-me uma desforra, a última vez que jogámos.

LUÍZINHA.—E estou muito disposta a pagar-lh'a.

POLYCARPO.—Tanto melhor! Oh! mas que calor vai por aqui!

LAURA.—Vamos lá para dentro Sr. Polycarpo; deve estar mais fresco.

POLYCARPO.—Sim, sim, e além d'isso, gosto muito do bello panorama que d'alli se desfructa. (*Vai a sahir e volta-se*). Ah! o meu chapéu. (*Laura dá-lh'o*). Ainda não tem seis annos... e por isso... (*Sahem*).

## SCENA XIII

### O commendador Souza (só)

Ninguem! Tanto melhor! Orientemo-nos bem do papel que aqui vamos desempenhar! A lucta vai ser talvez re-nhida e forte; mas que importa! Tenho armas assás po-derosas que me garantem a victoria Jorge tem-me desmò-ralisado... ridicularisado me mo, atirando meu nome á irrisão do mundo, que me respeitou sempre... mas a minha vingança vai ser terrivel! Elle não calculou bem contra quem desferia as suas settas. Não sabe do quanto sou capaz!... Pois bem, vou feril-o no amor e no orgulho! Vou arrebatâr-lhe o que possui de mais querido... de mais intimo... Mas quem sabe se não encontrarei resis-tencia ás minhas tentativas por parte d'essa moça?! (*Rindo*) Resistencia?! Que loucura! Acaso resistem as mulhieres a quem lhes falla á vaidade? Ainda que tivesse de consumir toda a minha fortuna, para triumphar, fal-o-hia sem custo! sem vacillação!... E depois ahi está Thereza, es a mu-lher terrivel, que me aúxilia e secunda! Ah! vem alguém finalmente!



## SCENA XIV

### O mesmo e Laura

LAURA (*vendo-o*).—O Sr. commendador, aqui!!

COMMENDADOR (*com pasmo*).—A senhora conhece-me?!

LAURA.—De vista e por tradição apenas.

COMMENDADOR.—Estimo bastante, porque deve saber que sou um perfeito cavalheiro, dotado de um coração terno e sensível. Os soffrimentos encontram sempre em mim consolo; a afflicção o socego e as lagrimas seu es-tancamento. E acredite que me sinto extremamente ditoso

por me haver o destino dotado de uma fortuna capaz de facilitar-me a realisação dos meus philantropicos sentimentos. Todavia, vejo que não é isso bastante para que seji-se agradável a todos, pois ainda ha quem me enxovalhe, lançando meu nome e minha reputação ao escarneo e ao menosprezo da plébe.

LAURA.—E' uma injustiça !

COMMENDADOR.—Oh! essas palavras sahidas dos seus labios são uma terrivel sentença, que vai ferir a quem talvez não imagina.

LAURA.—O que quer o senhor dizer ?

COMMENDADOR.—E' muito simples. A senhora não costuma ler a *Lanterna*, pasquim que se intitula orgão dos interesses da classe operaria ?

LAURA.—Sim, senhor.

COMMENDADOR.—E sabe quem é o redactor d'essa infame verrina contra tudo e contra todos? Sabe quem tem feito das suas columnas pelourinho ao qual ata os caracteres probos e honestos como o meu, para d'ahi expol-os á derrisão pública, infamando-os vilmente ?

LAURA.—Não, senhor.

COMMENDADOR.—Oh! como será isso possivel? Ignora então que seja o Sr. Jorge de Magalhães...

LAURA.—Quem infame e vilmente? sim, senhor.

COMMENDADOR.—Quer defendel-o talvez ?

LAURA.—Certamente. Sei que Jorge tem escripto n'esse jornal com acrimonia e virulencia; porém, não que calumnie ou infame quem quer que seja. Armas tão pequenas e vis não as sabe elle manejar, mesmo porque são indignas de um cavalheiro.

COMMENDADOR.—Mas como justificará a divulgação que faz elle, nas columnas do tal jornal, de actos que se

passam no seio das officinas e que é uma temeridade tor-  
nal-os publicos e notorios, em detrimento da reputação  
e do credito d'aquelles que estão no direito de pratical-os?

LAURA.—E que temor podem ter esses, se tal direito  
lhes assiste?

COMMENDADOR.—Nenhum, diz muito bem. Mas não  
foi isso o que ora me trouxe á sua casa.

LAURA.—E o que foi então?

COMMENDADOR.—Poderá a senhora conceder-me o gran-  
dioso prazer de ouvir-me sem perturbar-se... sem agas-  
tar-se mesmo?

LAURA.—Penso que é o que tenho feito até agora?

COMMENDADOR.—Sim, porém o que tenho a dizer-lhe  
é... mais intimo... é resultado de uma emoção...

LAURA.—Estou prompta a ouvi-lo.

COMMENDADOR (*sentando-se junto d'ella*).—A senhora quer  
muito ao Sr Jorge, não é assim?

LAURA (*levantando-se*).—Ao que vem essa sua per-  
gunta?

COMMENDADOR.—Responda-me primeiro, e sabel-o-ha  
depois.

LAURA.—Assim, é.

COMMENDADOR.—E não aspira vel-o venturoso...  
feliz?!...

LAURA.—Tanto quanto desejo ser!...

COMMENDADOR.—Pois bem : acha-se em sua presença  
um homem capaz de fazel-o chegar ao cumulo de todos  
os bens; e isso em troca tão sómente de uma cousa.

LAURA.—E o que vem a ser?

COMMENDADOR.—Sinto-me embaraçado em dizel-o...  
E... ninguem nos ouve, não é assim?

LAURA.—Absolutamente ninguem.

COMMENDADOR.—E' o seu amor. (*Pega-lhe nas mãos e busca osculal-as.*)

LAURA (*repellido-o com asco*).—Sr. commendador!

COMMENDADOR.—Oh! perdôe-me!... E' uma ousadia!... mas sinto-me verdadeiramente emocionado... amo-a loucamente... e peço-lhe... imploro-lhe de joelhos... accite esse amor!...

LAURA.—Oh! o senhor é um infame!...

COMMENDADOR.—Não... não... amo-a e quero ser amado!..

LAURA.—Basta de insultos. Sr. commendador! O senhor calculou bem seus planos! Castigado por Jorge, quiz vingar-se e pensou que o melhor meio seria dirigirse a mim mulher, leuana e frágil!.. Oh! mas enganou-se, enganou-se digo-lhe, porque a sua presença me é nociva, e eu a repulso!...

COMMENDADOR.—Oh! mas porque assim maltrata a quem a póde rodear de todas as venturas? Acalme-se e reflicta... lembre-se de que eu sou rico... poderoso... e que Jorge é um simples maltrapilho...

LAURA.—Nem mais uma palavra... ordeno-lhe que saia de minha casa...

COMMENDADOR.—Mas...

LAURA.—Saia, senhor, se não quer maior escandalo!... Bradarei por soccorro!

COMMENDADOR. Ah! desafia-me? incita-me? Pois bem!... Não de me ter como me querem! Juro-lhe que ha de arrepender-se!... (*Põe o chapéo e sahe fleugmaticamente.*)

LAURA.—Oh! este homem... este homem é um infame! (*Fica aniquilada.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO II

A mesma decoração do primeiro.

### SCENA I

**Laura** (só)

—Oh! não me é possível esquecer as palavras d'esse vil!... O que pretenderá fazer? Vingar-se talvez em Jorge!... Ah! como me sinto receiosa!... Pesa-me a cabeça!... O que irá acontecer?... Um terrível desastre, talvez!... E no entretanto faltam-me as forças para dizer-lhe o que se passou ha tres dias! E' preciso que Jorge não escreva mais para esse jornal!... Sim, é preciso!... Esse homem é um demonio, e é capaz de... Ah! nem sei o que pensar!... (*Fica pensativa*).

### SCENA II

**Laura e Polycarpo**

POLYCARPO.—Dão-me licença?

LAURA.—Póde entrar, Sr. Polycarpo.

POLYCARPO (*entrando*).—Bom dia, D. Laura! Oh! mas que quer isto dizer?

LAURA.—O que?

POLYCARPO.—Vejo-a tão pallida e desfigurada que me faz suppôr grande tempestade por estes mares.

LAURA.—E' um engano seu ; sinto apenas umas ligeiras dôres de cabeça.

POLYCARPO.—E' o mal das moças, como o rheumatismo é o mal dos velhos, excepto eu, que fui sempre um homem feito de pedra e cal, como todos do primeiro reinado.

LAURA.—Realmente, dir-se-ha que o senhor tem vida para cem annos.

POLYCARPO.—O que quer? Nasci em bom tempo! Nunca dei-me antes das dez e jámais levantei-me depois do tiro de peça! A vida nada é ; o regimen é que faz tudo! E ainda ha quem falle contra o passado!... Aquillo é que foi tempo! Não havia tantas commodidades, tanto luxo : em compensação, tinha-se uma geração de homens robustos que, pareciam vender saude! Hoje anda a gente por ahi a encontrar o que? bonds cheios de cadaveres ambulantes! D'aqui surge uma cara de açafião ; d'alli vem um esqueleto!... Temos uma geração de *saguis*!... A custo vê-se hoje um moço que valha dous vintens! São mais perrengues que os proprios velhos! E viva o modernismo!...

LAURA.—E' que o que lhes falta em materia, sobralhes em espirito.

POLYCARPO.—Isso dizem elles, para terem escapatoria. Mas é um carapetão como qualquer outro! Ha lá por ventura algum d'elles capaz de chegar aos espiritos de meu tempo? Aonde é que estão os Montzumas, os Andradas, os Calmons, os Eusebios, os Mont'Alvernes? Mont'Alverne, aquella aguia da tribuna sagrada!... São para ahi todos uns parlapatões que só servem para encher de pernas a rua do Ouvidor e os botequins!...

Tão pobres de idéas quanto pobres de sangue!... Ah! meu tempo! meu tempo!... Cada homem valia por quatro dos lambisgoias de hoje! Mas tudo como vai, vai bem.

LAURA.— Anda passeiando, Sr. Polycarpo?

POLYCARPO.—Passeiando, eu, D. Laura?! O commerciante não passeia nem descansa; sua vida é o metu-contínuo, e ninguém melhor que elle confirma essa grande sentença de que o trabalho é a vida. Em faltando-nos elle, morremos. Como fosse encarregado de uma dupla commissão e por aqui passasse agora, vim desempenhar-me d'ella. (*Apresentando um pequeno embrulho*). Em primeiro logar, aqui tem isto, que manda a Sra. D. Carlota para a menina Alice. E em segundo.... onde está Jorge?

---

### SCENA III

#### Polycarpo, Jorge e Laura

JORGE (*entrando*).—Eil-o aqui!...

LAURA.—Céus! que pallidez é esta?!

POLYCARPO (*apertando-lhe a mão*).—Oh! que frieza! Sente-se doente?!

JORGE.— Talvez, se as grandes revoltas da dignidade constituem um mal.

LAURA.—O que te aconteceu?

JORGE.—Dous factos acabam de enluctar-me o espirito. Um, lugubre e triste; outro, absurdo e revoltante.

LAURA.—Sim?!

POLYCARPO.—E o que foi então?

JORGE.—O primeiro, trata-se de um carpinteiro, casado e com filhos, que cahira de um andaime com cem metro' de altura...

LAURA E POLYCARPO.—Santo Deus !

JORGE.—E tão desastrosa fôra a queda que o infeliz, desprendendo-se d'essa immensa altura, veio cahir de encontro ao lagedo levantado, fracturando o craneo em quatro partes !...

LAURA E POLYCARPO.—Que horror !...

JORGE.—A consternação foi geral. E ainda mais pungente tornara-se o quadro quando apresentou-se a infeliz esposa, seguida de cinco crianças, desesperada e quasi louca de dôr ! O coração mais impedernido, os mais gelidos espiritos, não se puderam conservar impassíveis. Então, um collega do desventurado operario lançou mão do seu chapéu e percorreu a multidão implorando-lhe caridade. Ninguém se furtou a isso. Em pouco tempo o chapéu estava cheio de dinheiro.

LAURA.—Que magnanimidade !

POLYCARPO.—E' sempre assim o povo: ri com os que riem, e chora com os que choram.

JORGE.—O 'povo, Sr. Polycarpo, é a incarnação do Deus sonhado pelos theologos. O segundo facto é simplesmente a revelação da omnipotencia de um Jupiter á moderna.

POLYCARPO.—Mandaram d'esta para melhor algum typo que não tinha a vida no seguro ?

JORGE.—Mais do que isso: apunhalou-se covardemente o direito e a liberdade' individuaes.

LAURA.—Sim ?

POLYCARPO.—Nada quer dizer; é uma consequencia do progresso moderno.

JORGE.—Achava-se na embocadura da rua do Ouvidor, proximo ao largo de S. Francisco, um italiano que ao som do realejo fazia dansar um macaco. A multidão de

curiosos em torno d'elle era compacta! De repente surge na rua um *coupe* brazonado. O cocheiro, ao envez de saffrear a parelha, que compunha-se de dous fogosos cavallos do Cabo, limitára-se a uns *psios!* que não foram ouvidos. O carro fôra precipitado de encontro á multidão, que apenas pôde afastar-se. O realejo e o macaco ficaram-lhe sob as rodas. O italiano que assim se viu arruinado, choroso, allucinado, correu em perseguição do carro, e lançando mão ás redeas, fel-o parar. O alto personagem que ia na carruagem, tomou-se de indignação contra essa temeridade, e abrindo a portinhola, saltou, e com sua rija bengala espancou barbaramente o desgraçado.

LAURA.—Oh! é possível?!...

POLYCARPO.—Que absolutismo! E o que fez a multidão?

JORGE.—O que costuma fazer sempre em taes casos.

POLYCARPO.—Condemnou o italiano e deixou ir em paz o fidalgo?

JORGE.—Exactamente. O valentão proseguiu ativo e lampeiro em sua carruagem e a victima, aquelle que por meio do trabalho honesto procurava adquirir os meios de subsistencia, fôra arrastado ao xadrez, no meio das pranchadas e murros de quatro policiaes grosseiros e imprudentes!...

LAURA.—Que infamia!...

POLYCARPO.—E viva o modernismo!... A isso é que se pôde chamar progresso da civilisação! Juro-lhes que, se já não me pesasse no cachaço um bom par de annos, emigrava para os confins da China!...

JORGE.—O modernismo é o menos responsável por tudo isso. A prepotencia, como a ignorancia, tem sido de todos os tempos. São as idéas modernas que ha de ani-

quilar esses dous abutres e despertar de sua lethargia a dignidade humana!

POLYCARPO.—Tudo isso é muito bonito, é; mas d'ahi á realidade ha a extensão de um oceano!..

JORGE.—Não acredita então na transformação mora dos povos, na perfectibilidade humana!

POLYCARPO.—Verdadeiros contos de fadas, meu amigo, bem capazes de adormecer as crianças de trinta e cincoenta annos. Já na minha infancia ouvia fallar nisso; mas o mundo ahi está; o que foi hontem é hoje; o que é hoje será amanhã.

JORGE.—E' muita cegueira, Sr. Polycarpo. A evolução social é facto fóra de contestação. A humanidade caminha valente para o zenith da sua regeneração intellectual e moral.

POLYCARPO.—Idéas de moço!

JORGE.—Diz bem, são idéas de um moço que possui cerebro e coração ao serviço da humanidade e do progresso, de um moço que ousa enfrentar com os preconceitos e as tradições obsoletas, para derribal-os, para calcal-os aos pés dizendo:—Abaixo o obscurantismo, e rutila nos azulados horizontes o sol da liberdade! Mocidade, Sr. Polycarpo, quer dizer a lucta constante da verdade contra o erro, do presente radiante contra o passado tenebroso!

POLYCARPO (*apertando-lhe a mão*).—Muito bem! Sou velho, pertenco ao passado, mas tenho alguma coisa cá dentro que faz-me querer-lhe bem, quando o ouço fallar assim!.. Mas ora adeus!.. O passado foi sempre melhor que o presente!..

JORGE.—O Sr. Polycarpo é um sublime coração.

POLYCARPO.—E uma optima cabeça, esteja certo. Ah! como vai a *Lanterna*!

JORGE.—Como ha de ir ? Atravessando uma vida precaria e lenta. O jornalismo no Brazil não entrou ainda na ordem das cousas necessarias: falta-nos a vida intellectual.

POLYCARPO.—E publicar-se-ha hoje ?

JORGE.—Hoje e sempre, desde que não lhe falte o influxo d'aquelles que algum valor dão a essa ninharia que se chama imprensa.

POLYCARPO.—Muito bem ! E' preciso ter coragem: quem lucta vence.

JORGE.—Se ha desanimos na vida, eu os desconheço.

POLYCARPO.—Assim é que eu o quero ; adeus, meu amigo (*Jorge acompanha-o até a porta*). Cá estarei á noite para a nossa busca. A D. Luizinha ficou a dever-me uma partida ha tres dias.



## SCENA IV

### Jorge e Laura

LAURA.— (*entrando*). Tenho um favor a pedir-te, meu amigo.

JORGE.—O que é ?

LAURA.—És capaz de ouvir-me, sem agastares-te ?

JORGE.—E' tão máo o que tens a pedir-me ?

LAURA.—Não, porém... reccio... não te enfadarás, não é assim ? ! É necessario que não escrevas para a *Lanterna* !..

JORGE.—E porque ? Bem deves comprehender que é um capricho...

LAURA.—Fantastico e absurdo ; mas é essa a minha vontade.

JORGE.—A' qual, consente que t'o diga, não posso satisfazer.

LAURA.—Acaso já não sentes por mim affecto?

JORGE.—Sinto-o violento e firme como desde o primeiro instante em que te vi; tenho, porém, minha palavra hypothecada, e trahil-a, furtar-me ao seu cumprimento, é ser um covarde... um infame.

LAURA.—Oh! mas se conheces as minhas apprehensões... os temores que me assaltam o espirito...

JORGE.—E o que te suggere essas apprehensões... esses temores?

LAURA.—O meu proprio amor. Sei o quanto é ingrata a posição em que te collocaste. Obedecendo aos dictames de tua consciencia, tens escripto com rectidão e talento, é certo; mas com mordacidade e virulencia. E, se de um lado os teus artigos despertam enthusiasmos, se são applaudidos e festejados por aquelles que te apreciam e pelos que defendes, por outro vão causando resentimentos e incendiando os odios d'aquelles a quem feres e castigas. E vê bem, Jorge, isso pôde ser-te um dia prejudicial.

JORGE.—E que nos importa? Uma vez que me filiei á idéa, desde que abraçei o labaro da regeneração, hei de ser soldado prompto e firme, embora tenha de succumbir na lucta. A verdadeira coragem é aquella que não mede sacrificios nem calcula perigos. Tomei sobre meus hombros o encargo de arfancar a mascara aos hypocritas e falsarios — corvos que se apascentam no vasto campo da credulidade e da innocencia; incumbi-me de castigar um por um os estolidos preconceitos sociaes — muralhas de bronze erguidas entre o povo e a appellidada nobreza, peias lançadas ao progresso humano; incumbi-me de soerguer as artes e os officios exangues e moribundos; jurei fazer prevalecer a autonomia do operario manequim da vontade estulta dos Cresus e hei de ser sincero em meus principios, immutavel em minhas crenças! Mi-

nha penna ha de ser um alphanche decapitando o erro, a infamia, o cynismo e a baixeza, como será o instrumento da equidade culminando de louvores a honestidade, a virtude e o civismo.

LAURA.—E' nobre o teu fim, é... mas... se um dia tiram d'isso uma vingança mesquinha? Se te faltam com o trabalho? O que será de nós?

JORGE.—Sou moço, sinto circular-me nas veias um sangue puro, e, enquanto o sopro da vida conservar-me a consciencia do meu eu, pouco me impressionarão as sombras que se possam projectar no horisonte de amanhã.

LAURA.—E terás coragem para arcar com os infortunios?

JORGE.—Tenho coragem para tudo que é edificante e nobre. Para o que me fallece a coragem é para as acções ignobéis, é para amordaçar a consciencia quando sinto no cerebro o entrechocar das idéas sãs.

LAURA.—Mas... a vergonha?

JORGE.—Vergonha?!.. Vergonha é a consciencia da infamia. E acaso o trabalho honesto já aviltou alguém?, não. Por mais infimo que seja elle, exalta, engrandece sempre o vulto d'aquelle que, para viver com honra, o abraçou. Que importa que os falsos amigos dê hontem vos dêem as costas hoje, porque é humilde a vossa posição, se tendes sobre vosso corpo a mais valorosa das couraças— a honra!! Se podeis exclamar: Sou obscuro, mas trabalho; sou pequeno, mas possuo a altivez dos caracteres sem nodoas! A vergonha só póde reflectir-se sobre os cadaveres moraes, esses que se movem á acção galvanica da infamia!...

LAURA (*abraçando-o*).—Basta; basta, meu amigo! Não serci eu quem te falle mais nisso. Cumpre o teu dever.

Se um dia cahires vietima, resta-te ainda uma compa-  
nheira para auxiliar-te.

JORGE (*idem*).—Obrigado, obrigado, Laura, porque só  
tu sabes comprehender os sentimentos que me animam.

LAURA.—Até já, meu amigo!.. (*Sahe*).



## SCENA V

### Jorge, e depois Henrique

JORGE.—Excellent creatura!... E não poder fazela  
feliz o quanto desejo!

HENRIQUE (*entrando*).—Ah! um abraço!... outro!...  
e mais outro!...

JORGE.—Que tens? Que alegria e essa?!

HENRIQUE.—E' filha do entlusiasmo que me inspirou  
a leitura da *Lanterna* de hoje! Que sublimidade!... Que  
esfusiada de relampagos!... És um grande talento, or-  
gulha-te d'isso!...

JORGE.—Procuo chegar até ali.

HENRIQUE.—Ninguem melhor do que tu sabe zurzir!...  
Cada uma phrase, uma farpa; cada periodo, um estylete!...  
Como não deve estar iraeundo o Sr. commendador Lopes  
Vieira! Elle, que passa pelo prototypo de todas as vir-  
tudes!

JORGE.—E que é um dos muitos eadaveres que for-  
migam na sociedade fluminense! Carater falso e hypo-  
crita!

HENRIQUE.—Está ataeante o que dizes a respeito das  
suas officinas.

JORGE.—Ha algum exagero?

HENRIQUE.—Absolutamente nenhum. Tudo quanto dizes a tal respeito é de uma exactidão photographica.

JORGE.—Tão bem como eu, sabes o estado em que se acha aquella casa: o rigór sobe de ponto. Não viste o que se praticou com o Ribeiro? Despediram-n'o porque o pobre moço ousou erguer a voz em plena officina, clamando contra as expoliações de que alli são victimas os operarios.

HENRIQUE.—E tu tambem não estás isento de ver chegar o teu dia.

JORGE.—Ha muito que o aguardo; não será isso que me levará a transigir com os meus sentimentos.

HENRIQUE.—Muito bem! Guerra á guerra!... Ah! sabes o que, em segundo logar aqui me trouxe? O desejo de ver publicada na *Lanterna* uma poesia.

JORGE.—Da tua lavia?

HENRIQUE.—Certamente. São uns alexandrinos sublimes!

JORGE.—Tambem já és poeta?

HENRIQUE.—Por enquanto só faço versos. Ora ouve.

JORGE.—Dispenso a leitura.

HENRIQUE.—Mas será publicada?

JORGE.—No proximo numero.

HENRIQUE.—Neste caso, agradeço-te e ponho-me ao fresco.

JORGE.—Aonde vais?

HENRIQUE.—A's Laranjeiras.

JORGE.—Faz-te-hei companhia até o fim do caminho!

HENRIQUE.—Então vamos! Oh! mas como estou alegre!... Viva a *Lanterna*! (*Vão a sair e encontram-se com Thereza*).

## SCENA VI

### Os mesmos e Thereza

THEREZA (*entrando e cumprimentando-os*).—Meus senhores!

JORGE.—Oh! como passa, D. Thereza? Por aqui hoje?

THEREZA.—O que quer? Venho visitar estas ingratas, já que não me visitam.

JORGE.—Desculpe-as; razões por demais fortes as têm prohibido de o fazerem assiduamente.

THEREZA.—Algum capricho seu, talvez? Ouço dizer que o senhor é tão rigoroso!

JORGE.—Embustes, minha senhora.

THEREZA.—Os quaes conservam-se de pé.

JORGE.—Como assim?

THEREZA.—Por sua indiferença para com as pessoas que o estimam; ha já bastante tempo que não nos dá o prazer de honrar nossa casa.

JORGE.—Tem razão; mas, quando tem-se uma vida cheia de afãos, quasi que não se existe para o proprio eu; d'ahi essa indiferença que a senhora tanto censura.

HENRIQUE.—O nosso amigo vive mais para os outros do que para si proprio.

THEREZA.—São sempre assim as grandes almas. E o Sr. Jorge de Magalhães mostra ser todo um coração.

HENRIQUE.—O que não basta para que se não grangêe inimigos. E muita vez tão perfidos, que ousam chegar até junto para melhor cravarem o punhal da traição.

JORGE.—Idéas infundadas!

THEREZA.—A amizade fingida é como o brilhante falso; facilmente conhece-se.

HENRIQUE.—Se assim fôra, a esta hora já teriam sido enforcados todos os Iscariotes.

THEREZA.—D. Laura não está?

JORGE.—Vou chama-la. (*Sabe*).

---

## SCENA VII

### Thereza e Henrique

THEREZA.—Não sabe o quanto estimo encontral-o aqui

HENRIQUE.—Verdadeiramente, não.

THEREZA.—Finge não saber. Supponho que o encarreguei de uma missão importantissima e que até agora nenhuma solução me deu o senhor d'ella?

HENRIQUE.—Constituiu-me o anjo máu d'esta casa ou, para melhor dizer, fez-me o seu braço esquerdo. É na realidade para mim missão importantissima, como disse e a qual, confesso-lhe, vejo-me bem embaraçado para desempenhar.

THEREZA.—Fraqueza de espirito! Não sei do que vale ao homem essa superioridade que o colloca acima da mulher, quando elle é, como o senhor, mais fraco que ella.

HENRIQUE.—É um erro de apreciação, que corre por conta do mundo, que é quem d'elle toma a responsabilidade. Nós outros, porém, os temerarios, especie de abutres sociais, temos tambem os nossos momentos de vacillação e receio. Ha muita vez tão fortes barreiras em nossa frente, que jámais ousamos investil-as.

THEREZA.—Temor panico, que iria muito bem em algum *simplorio*, mas que tem os seus laivos de covardia num temerario.

HENRIQUE.—E' que receio não ter bom exito.

THEREZA.—Poderá o senhor dizer-me o que é isso a que chama receio?

HENRIQUE.—E' o temor de dar-se o ataque, quando ao mesmo tempo subsiste a vontade d'isso.

THEREZA.—E os abutres conhecem esse temor?

HENRIQUE.—Ás vezes.

THEREZA.—Nesse caso sou superior a elles.

HENRIQUE.—E tem razão ; a sua especie é outra, não audaciosa quão traiçoeira ; insinua-se para morder ; festeja para melhor arranhar : tem a delicadeza e o furor felino.

THEREZA.—Mas, finalmente, o que me diz da sua missão ?

HENRIQUE.—Acho-me insufficiente para leval-a ao cabo.

THEREZA.—E porque?

HENRIQUE.—Encontrei aqui barreiras que me tornaram vacillante e encheram-me de medo.

THEREZA.—Então confessa que é pusilanime?

HENRIQUE.—Menos que isso — sou cavarde. E estou muito disposto a romper o nosso pacto.

THEREZA.—Ora vamos ! Acho que não lhe ficam bem esses rasgos de virtude.

HENRIQUE.—E julga que assenta-lhe essa mascara de honestidade?

THEREZA.—Acho-a um pouco pesada ; porém, uma vez que céga o mundo, julgo que fica-me perfeitamente bem. De resto, sou mulher... preciso salvar as apparencias. A vespa busca o calice da flor para occultar-se ; eu, essa

mascara de que o senhor falla ; e, digo-lhe com franqueza, hei de cravar meus dentes nos proprios seios d'alma de quem reputo inimigos.

HENRIQUE.—E se acaso eu fizesse cahir essa mascara ante as proprias victimas ?

THEREZA.—Sei o quanto é leviano ; porém acho-o incapaz de deseer tão baixo, porque bem deve saber que o delator é um animal muito asqueroso e repugnante.

HENRIQUE.—Màs, afinal, o que a arrasta até ali ?

THEREZA.—O meu amor.

HENRIQUE.—Já me disse isso uma vez.

THEREZA.—E o senhor não quiz acreditar ?

HENRIQUE.—Como agora não acredito ainda.

THEREZA.—E porque ?

HENRIQUE.—Não posso admittir que mulheres da sua tempera tenham logar para abrigar esse grandioso sentimento.

THEREZA.—Nega-me então o direito de possuir um coração ?

HENRIQUE.—Ao medio que tivesse de dissecar o seu cadaver seria tão difficil eneontral o eomo difficil é encontrar-se o chamado céo.

THEREZA.—Agradeço-lhe o elogio. Afigura-se-me que alguém o tem eathechizado... O Sr. Henrique vai deslisando impereceptivelmente para a vereda dos moralistas.

HENRIQUE.—Engana-se ; é que ás vezes saio fóra do meu papel.

THEREZA.—Assim, pois, não posso contar eomsiigo ?

HENRIQUE.—De maneira nenhuma ; sou leviano, como disse ; porém não miseravel, eomo escapei de o ser por

sua causa. Não sei tentar D. Laura nem tão pouco arrastar Jorge á perdição.

THEREZA.—Agradeço-lhe a franqueza; mas peço-lhe que ao menos deixe-me a passagem livre.

HENRIQUE.—Já é uma infamia; contudo, fal-o-hei para ser-lhe agradável. Ah! ahí vem Jorge!

THEREZA.—Espero-o hoje em nossa casa.

HENRIQUE.—Lá iréi.

---

## SCENA VIII

### Os precedentes e Jorge

JORGE.—Ella já ahí vem.

THEREZA.—Sou-lhe summamente grata.

JORGE.—Por tão pouco!...

THEREZA.—Os pequenos favores são os que mais obrigam e estreitam os laços da amizade.

HENRIQUE (*á parte*).—Que terrível mulher!

JORGE.—Ás suas ordens.

THEREZA.—Seja menos ingrato para com os conhecidos, Sr. Jorge.

JORGE.—Procurarei sel-o.

HENRIQUE.—Minha senhora...

THEREZA.—Até logo, Sr. Henrique. (*Sahem ambos.*)

---

## SCENA IX

### Thereza e depois Laura

THEREZA (*só*).— Sempre indiferente! Não ha forças capazes de o fazer corresponder aos meus affectos!... No

entanto, eu o amo !... Amo-o como talvez em minha vida não amasse ainda a outro !... Mas que me importa o seu desprezo ?! Os homens são tão frágeis !... Em nossas mãos está o poder de curvar e abater, mesmo os mais orgulhosos e altivos. E, depois, tenho com que possa ferir-o no amago do coração. D. Laura, essa pobre e inexperiencede, confia bastante em mim.

LAURA (*apparecendo*).— Desculpe-me se a fiz esperar; estava cosendo...

THEREZA (*abraçando-a e beijando-a*).— Oh ! não tem de que me peça desculpa ! (*Sentam-se*).

LAURA.—Por aqui hoje ?

THEREZA.—É exacto ; venho fazer-lhe uma visita, posto que seja bastante inimiga de andar á rua ás sextas-feiras.

LAURA.—Acredite que lhe fico muito agradecida.

THEREZA.—Ora ! Isso nada vale !

LAURA.—Para mim vale muito, porquanto enxergo ahi a prova de sua estima para commigo.

THEREZA.—Adivinha. Em verdade, é a senhora uma das moças, d'entre as que tenho o prazer de conhecer, com a qual mais sympathizo e a quem tributo mais amizade. Todavia, isso é muito natural. A D. Laura possui qualidades bastante delicadas e maneiras que logo no primeiro momento captivam e prendem.

LAURA.—São bondades suas.

THEREZA.—Não, senhora fallo sinceramente. Desde o primeiro dia que a vi, fiquei considerando-a e estimando-a.

LAURA.—Tambem fiquei sympathisando bastante commigo, e essa sympathia cada vez mais se augmenta e cresce.

THEREZA.—Mais tarde, talvez, tenha occasião de conhecer a boa amiga que possui em mim. Sou a melhor das creaturas ! E, quando encontro uma amiga de suas qualidades, sou capaz de por ella dar a propria vida.

LAURA.—Creio-lhe.

THEREZA.—Onde está sua irmã ?

LAURA.—Lá dentro. (*Vendo Luiza*) Ah ! ahi vem ella.



## SCENA IX

### As mesmas e Luiza

THEREZA (*ao encontro de Luiza*).— Sempre fresca e risonha !.. (*Beija-a*). É signal de que vive muito alegre ?

LUIZA.—Alegre e feliz ; e a senhora ?

THEREZA.—Sem grandes males ; mas não muito ditosa.

LUIZA.—Ninguem tal dirá !

THEREZA.—Tenho ar de muito satisfeita ?

LUIZA.—De uma satisfação sem limites !

THEREZA.—As apparencias illudem, minha pombinha. Nestes ultimos dias tenho passado por bem amargos dissabores ! Ainda ante-hontem recebi de Cascadura uma carta em que noticiavam-me o máu estado de saude de minha mãe ; e isso, parece-me, não é uma nova que alegre a ninguem.

LAURA.—E o que tem ella ?

THEREZA.—Escapou de morrer queimada.

LAURA E LUIZA.—Céus!... Como assim ?

THEREZA.—Passava de uma sala á outra, conduzindo um lampeão e uma garrafa de kerozene ; em frente a uma janella, uma rajada de vento dá em cheio na manga

do lampeão e arreventou-a; minha mãe assusta-se e deixa cair ambos os objectos, que quebram-se e o liquido incendia-se! O fogo communica-se-lhe ás saias e ella, apavorizada, tratou de correr, permittindo assim que as chammas ganhassem intensidade!

LAURA.—Coitada!

THEREZA.—Teria morrido, se alguém não chegasse ainda a tempo de soccorrel-a.

LUIZA.—E queimou-se muito?

THEREZA.—Oh! causa dó vel-a no estado em que se acha!

LAURA.—Avalio a magoa que a senhora deve ter soffrido.

THEREZA.—Foi immensa; sem embargo, achei isso um factó tão commum na vida!... Chorci no primeiro instante em que li a carta; mas depois tratei de consolar-me, porque comprehendí que não seriam as minhas lagrimas que teriam de a curar.

LAURA.—Sim, porém a dôr...

THEREZA.—A dôr soffoca-se no fundo d'alma.

LUIZA.—Ha dôres que a nossa alma é pequena para contel-as!...

THEREZA.—Em tal caso, a porção que excede evapora-se e deixa, portanto, de existir! Permittam agora que lhes explique o motivo d'esta minha visita.

LAURA.—Pois não.

THEREZA.—Venho convidal-as para passarem a noite de hoje em nossa casa, que é o dia do meu anniversario.

LAURA.—Ah! felicito-a por isso, e agradeço-lhe immenso a lembrança que teve de vir convidar-nos. Não

He posso dizer que aceito, porque não sei se scrá' agradável a Jorge.

THEREZA.—E vai consultal-o?

LAURA.—Nada faço sem que primeiro o ouça.

THEREZA.—Santo Deus! E' até onde póde chegar a fragilidade feminina!...

LAURA.—Não a comprehendo.

THEREZA.—Dar-se-ha caso que a senhora desconheça os seus direitos de mulher? Vejo bem que a minha amiga é uma santa!

LAURA.—E porque?

THEREZA.—Por essa sua submissão! Uma mulher, D. Laura, jámais deve deixar-se dominar pelo homem; isso é abdicar todos os seus poderes; é descer de senhora a escrava. E, d'ahi, os homens são tão tyrannos!...

LAURA.—Mas Jorge não me tyrannisa.

LUIZA.—Ama-nos como se fôramos suas irmãs!

THEREZA.—E quem nos diz que elle não as illude e atração?

LAURA.—Oh! não... não duvido d'elle!

THEREZA.—Bem, não quero ser exigente nem dar-lhes máus conselhos; mas devo dizer-lhes sempre que a hypocrisia é o manto do homem. A senhora confia demasiado no amor do Sr. Jorge.

LAURA.—E acha que não tenho razão?

THEREZA.—Talvez.

LAURA.—E como justifica o que diz?

THEREZA.—Buscando provas em innumerous exemplos dados todos os dias. Tenho conhecido tantos homens possuidores das qualidades do Sr. Jorge!... De resto...

quem sabe se o coração d'elle... esse amor de que tanto se orgulha a senhora... não é compartilhado já por outra?

LAURA.—Oh! é impossível!..

THEREZA.—Nada é impossível na vida, D. Laura... e talvez que mais tarde tenha occasião de justificar-lhe melhor o que digo.

LAURA.—Oh! penso que nunca!..

THEREZA.—Veremos!

LAURA.—É um desafio?

THEREZA.—Um desafio? Oh! que loucura!.. Dar-se ha o caso de que a minha amiga me supponha capaz de fazer uma seducção?

LAURA.—Oh! não; porém esse seu modo de fallar!..

THEREZA.—Nada tem de estranho nem de singular... Conhecedora do coração masculino, não acredito nos amores eternos... e emprazo-me para provar o que lhe digo.

LAURA.—E eu aceito o emprazamento.

THEREZA.—E não teme arrepender-se?

LAURA.—De fórma nenhuma.

THEREZA.—E o que fará, se for eu a vencedora?

LAURA.—O que farei?! Oh! fugirei d'esta casa, para nunca mais tornar a ella!

THEREZA.—Mas isso...

LAURA.—E' talvez uma cousa horrorosa; porém é o que pede meu ciume!..

THEREZA.—E o ciume... é a hallucinação da alma... o entorpecimento da razão.

LAURA.—Ainda não lhe dei todo o valor; porém sei que é cousa muito poderosa. (*Thereza levanta-se.*)

LUÍZA.—Já se vai?

THEREZA.—E' exacto; tenho que dar algumas lições; mas voltarei logo.

LAURA.—N'esse caso esperal-a-hemos para jantar.

THEREZA.—Aceito; mas peço-lhes que me guardem bastantes fructas, porque é o meu prato predilecto. Não sei o que tenho, todas as comidas me enjoam, menos os doces e as fructas. E sempre fui assim. Inimiga figadal dos alimentos fortes. (*Vendo o relógio*) E' quasi meio-dia! Se não temesse demorar-me de mais deixava passar o meio-dia. Sou inimiga de andar na rua a tal hora.

LAURA.—Porquê, D. Thereza?

THEREZA.—E' uma hora aziaga.

LAURA.—São scismas tolas!

THEREZA.—Não diga isso! Tenho visto muitos exemplos. Meu pai, quando alguém dizia-lhe que não passava por baixo de andaimos, ria-se. Pois, minha senhora, um dia atravessou por baixo de um, e ficou esmagado em baixo d'elle. Com essas cousas não quero cassuadas. Bem, até logo. (*Abraçam-se. Vai a sahir, encontra-se com Gustavo, que a sauda com espanto.*)

---

## SCENA X

### Laura, Luiza e Gustavo

LAURA.—Não a conheces Sr. Gustavo?

GUSTAVO.—De vista apenas; ouço dizer que é casada, mas...

LAURA.—Continue.

GUSTAVO.—O juizo que sobre ella faz o mundo é bastante equivoco.

LAURA.—Sim ?!

LUÍZA.—Porém ella parece uma excellente senhora.

GUSTAVO.—Nada pos o dizer. Todavia acharia muito bom que as senhoras não a recebessem muitas vezes em sua casa.

LAURA.—E porque ? Seria offendel-a sem razão.

LUÍZA.—Sim; e o mundo é tão exigente !

GUSTAVO.—Nem tanto como as senhoras talvez pensam. Muitas vezes a sua maledicencia atassalha reputações, infamando-as com torpes calumnias ; outras, porém, aponta a verdade, que é preciso não desprezar. Quem nos diz que d'esta vez não terá el e razão ? Hoje a sociedade flumense acha-se invadida por uma especie de hypocritas femininas, que são muito mais terriveis que os proprios demonios, se não são elles sob a fórmula humana : são as mulheres de vida equívoca envoltas no manto de honestas. Apparentando recato e simulando pudor, furtam-se á devassa do mundo e penetram no centro das familias para envenenar-lhes a existencia, vasando em seu seio toda a peçonha de su'alma denegrida. E não é possível que essa mulher pertença ao numero d'essas falsas senhoras ?

LAURA.—Oh ! não !... não posso acreditar ! D. Thereza Gomes é uma senhora de bem ; é uma professora assaz conceituada. No pouco tempo que a conheço, bastantes occasiões tenho tido de apreciar os seus sentimentos.

GUSTAVO.—E tem bastante certeza de que ella não a illude ?

LAURA.—Tenho.

GUSTAVO.—Ainda assim, não me tranquilliso nada. Sei que a senhora tem um coração magnanimo, e a bondade

do coração cega-nos sempre. Não me tomem por um ave agoureira ; comtudo, desconfio muito d'essa mulher.

LUIZA.—O Sr. Gustavo é um juiz muito iniquo !

LAURA.—Quero crer, que se o mundo fizesse pensar sobre mim uma calúnia, o senhor seria solícito em depositar-lhe credito ?

GUSTAVO.—Engana-se, D. Laura ; não sou nenhum nescio que me deixe levar pelo que me trazem os murmurios da turbamulta dos abocanhadores. Quando ouço o mundo com toda a sua azafama pronunciar uma sentença difamatoria, deixo passar o rumor e espero a verdade ; procuro conhecer os factos, e, depois de vel-os, apalpal-os, e aquilatal-os é que formo o meu juizo. Se o mundo erguesse uma calúnia contra a sua reputação, que sei é illibada, seria o seu extrenuo defensor, como ora sou o accusador d'essa mulher que d'aquí sahiu.

LAURA.—Então já formou seu juizo sobre ella ?

GUSTAVO.—Quasi ; mais alguns mezes, e estará elle formado.

LAURA.—Estou bem certa de que até lá, ha de conhecer seu erro.

GUSTAVO.—Talvez ; e, se assim acontecer, serei franco em confessar-lh'o : não é meu fim offender ou desprestigiá quem quer que seja. (*As duas fallam entre si.*) Onde está Jorge ? (*Luiza sahe.*)

LAURA.—Sahiu ha pouco.

GUSTAVO.—E demorar-se-ha muito tempo ?

LAURA.—Julgo que não ; porque ?

GUSTAVO.—Tinha que fallar-lhe a proposito da reunião de domingo.

LAURA.—Ah ! sempre se realisa ?

GUSTAVO.—E sob os melhores auspícios. As idéas de Jorge têm encontrado um acolhimento espantoso.

LAURA.—Assim devia acontecer; pelo menos parecem boas.

GUSTAVO.—São excellentes e sensatas; ha mais tempo poderiam ter vindo á luz. E' necessario alforriar-se o operario do jugo tyrannico do capitalista e elevá-lo á altura de cidadão de um paiz civilisado e livre. Esse é o fim de Jorge. E o modo pelo qual o desenvolve, é o mais razoavel e consentaneo. Em sua maioria, são os operarios neste paiz baldos de instrução e conhecimentos theoreticos; reunindo-os a todos em um só corpo collectivo, trata elle de melhorar-lhes a condição social, dando-lhes o pão do espirito e facultando-lhes a aquisição d'aquelles conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento do artifice. Além de tudo, resta-lhe o desejo de, com a erecção d'esse grandioso monumento, provar ao mundo inteiro que o povo fluminense não é tão baldo de iniciativa como se apregôa por ali algures. E ha em mim a crença de que assim ha de acontecer.



## SCENA XI

### Os precedentes e Jorge

JORGE (*entrando*)—Oh! por aqui, meu amigo!...

GUSTAVO (*apertando-lhe a mão*).—Fallava de ti.

JORGE.—Sim? e de que te occupavas?

GUSTAVO.—Das idéas que constituem a base d'essa grandiosa reforma que queres effectuar na nossa ordem social.

JORGE.—Ah! e o que te dizia Laura?

LAURA.—Nada mais do que te posso dizer agora :  
s o melhor dos homens.

JORGE.—Obrigado, minha amiga-

LAURA.—Consintam que me retire.

JORGE.—O Sr. Polyearpo ainda não voltou ?

LAURA.—Não?... Até já, Sr. Gustavo. (*Sahe.*)

GUSTAVO.—Até já, D. Laura.

---

## SCENA XII

### Jorge e Gustavo

JORGE.—Conta-me o que sabes a proposito da reunião  
de domingo.

GUSTAVO.—Trago-te as mais lisongeiras esperanças.

JORGE.—É possível ?!

GUSTAVO.—Conto com o comparecimento de cerca de  
dous mil operarios de todas as profissões.

JORGE.—E' certo ?

GUSTAVO.—Ah ! meu amigo, ignoras com que agrado  
têm sido acollidas as tuas idéas ! E' o assumpto mais  
palpitante nas officinas.

JORGE.—O meu unico desejo é que tudo corresponda á  
minha espeetativa.

GUSTAVO.—Penso que assim ha de acontecer. Affigú-  
ra-se-me que os operarios vão-se compenetrando dos seus  
deveres.

JORGE.—Já é tempo.

## SCENA XIII

### Os mesmos e Henrique

HENRIQUE (*entra precipitadamente*).—Ah! estás ahí!...  
Julguei não encontrar-te!...

JORGE.—O que temos?

HENRIQUE.—Tragô-te uma carta do commendador Lo-  
pes Vieira.

GUSTAVO.—Do commendador?! E' singular!

JORGE.—Vejamol-a (*Henrique dá-lh'a*). O que terá elle  
a dizer-me?

HENRIQUE.—Não sei; porém, parece-me que é cousa  
urgente, porque pediu-me que corresse o mais depressa  
possivel ao teu encontro.

JORGE (*lendo*).—« Sr. Jorge de Magalhães.—Sinto bas-  
tante dizer-lhe que o seu comportamento nestes ultimos  
tempos tem-se tornado reprehensivel e digno de severa  
punição...

GUSTAVO.—Um insulto?!

JORGE.—Insolito e grosseiro! (*continuando a lêr*)...  
« já em nossas officinas, já nesse asqueroso pasquim em  
que, tão temeraria e ousadamente, atassalha-se as reputa-  
ções firmadas e expende-se theorias subversivas. Reccia-  
mos que de uma hora para outra seja alterada a ordem  
das cousas e prejudicados os interesses de inumeros pro-  
prietarios. (*Fallando*) Covardes! Já temem!... (*Conti-  
nuando a lêr*) ¶E por isso apresso-me em declarar-lhe  
que, se deseja continuar a ser empregado em nossas offi-  
cinas, trate de quanto antes arrepiar carreira.

GUSTAVO.—Uma ameaça!...

JORGE (*rasgando a carta*). — Miseraveis ! Desconhecem de quantos sacrificios é capaz o homem de dignidade !... Mas elle tem razão !... (*Toma o chapéo*).

GUSTAVO. — Onde vais ? !

JORGE. — Ao encontro d'esse homem vil... Quero falar-lhe... insultal-o... esbofeteal-o, se necessario for !

GUSTAVO. — Jorge !...

HENRIQUE. — Lembra-te das consequencias.

JORGE. — Que me importam ellas ? ! Quero fazer sentir a esse commendador sem caracter que não se insulta e ameaça assim a um homem, porque é pobre... porque esse homem é um simples operario !... Já volto.

GUSTAVO. — Não, eu te acompanho.

HENRIQUE. — E eu tambem. (*Vão a sahir, apparece Laura*).

LAURA. — Vais sahir ? !

JORGE. — Volto já.

LAURA. — Não jantas ?

JORGE. — Depois, depois... até já.

HENRIQUE (*á parte*). — Se eu pudesse fhear ! (*Sahem*).



## SCENA XIV

### Laura, em seguida Luiza

LAURA (*só*). — O que terá elle ? !... Pareceu-me tão perturbado !... O que lhe terá acontecido ? !... Oh ! como estou assustada !... Como tenho o coração em sobresalto !... E nada para esclarecer-me !... Nada para me tirar da incerteza !...

LUIZA (*vindo a ella*). — O que tens ?

LAURA.—Nada... nada!...

LUÍZA.—Mas eu vejo-te *amicta*!

LAURA.—Tens razão!... Estou sobresaltada, c... não sei a razão!... Vi Jorge sair d'aqui precipitadamente e não sei o que *me* aconteceria!...

LUÍZA.—Foi sem duvida tratar de algum negocio.

LAURA.—Se fossé isso!...

LUÍZA.—E p que ha de ser mais?

LAURA.—Sim, o que ha de ser?! Jorge é tão bom!



## SCENA XV

### Os precedentes e Thereza

THEREZA.—Eis-me de volta e cansadissima! Aposto que já não me esperavam?

LAURA.—Porque não?

THEREZA.—Demorei-me mais do que pretendia. Fui até á rua de S. Pedro comprar um remedio que vi hoje *anunciado*, para tonteiras. Já fallou ao Sr. Jorge?

LAURA.—Ainda não.

LUÍZA.—Como está suada!... Venha mudar de trajo.

THEREZA.—Pois não; aceito de muito bom grãdo. (*Sahem*).



## SCENA XVI

### Jorge e Laura

JORGE (*vem completamente pallido e agitado*).—Miseraveis!... Arrancaram-me o ultimo recurso!...

LAURA (*indo a elle*).— Oh! falla... diz-me... o que foi?!

JORGE.—Esfofeteei um miseravel, em sua propria residencia.

LAURA.— Sim?!

JORGE.—Ousou affrontar minha dignidade... excitou-me... perdi a razão, e quiz fazer subir-lhe ás faces o rubor da vergonha!

LAURA.—Oh! e quem era elle?

JORGE.—O commendador Lopes Vieira.

LAURA.—Elle!...

JORGE.—Sim, esse miseravel, cuja honra é um punhado de notas do thesouro arrancadas á honestidade infensa, e cujo merito consiste nesse escarro luminoso que pende-lhe do peito.



## SCENA XVII

### Os mesmos, o commendador e um agente de policia.

COMMENDADOR.—Mas um homem que sabe castigar a baixeza!

LAURA.—Ah!

JORGE.—O senhor aqui?!

COMMENDADOR.—Para annunciar-lhe que não me deixo enxovalhar impunemente: entrego-o á acção da justiça criminal.

JORGE.—O que diz?!

O AGENTE.—Devc acompanhar-me até a secretaria de policia.

LAURA.—Elle preso?! Ah! e é o senhor...

COMMENDADOR (*baixo*).—Cumpro a minha palavra!

JORGE.—São assim os miseráveis! Acompanho-o, porque devo obediencia á lei.

COMMENDADOR (*baixo a Laura*).—Uma palavra sua, e esquecerei tudo!...

LAURA.—Oh! nunca!... nunca!...

COMMENDADOR.—Veremos quem vence!

FIM DO SEGUNDO ACTO



# ACTO III

Sala pobre em casa de Jorge. Porta ao fundo e lateraes.



## SCENA I

Jorge, (só)

(*Está sentado junto a uma mesa, em que ha alguns livros, papeis e o necessario para escrever*). Como tenho hoje o cerebro entorpecido!... Nenhuma idéa... nenhum pensamento... (*Dispondo-se a escrever*) Vamos, musas! Não seiais tão ingratas para commigo! (*Pausa*). Nada! E-me impossivel escrever!... (*Arremessa a penna*) Ha seis mezes que assim me acho!... Dir-se-ha que sobre mim pesa um anathema terrivel!... Sem emprego, sem posição, sem recursos e até faltando-me as idéas para escrever!... O que dirá o mundo?! Chamar-me-ha indolente... preguiçoso!... Indolente, eu!... Eu que trabalho tanto!... Eu que procuro empregar todas as minhas actividades!... Porque me negam trabalho? Porque me fecham todas as portas! Sou acaso reprobado!... Um preço? Não... sou um martyr da minha honra... do meu altruismo!... Sofro porque não me deixo humilhar... porque não consinto que maculem o meu character!... E hoje, mais do que nunca, conheço o quanto é difficil sustentar essa terrivel luta!... A existencia é uma noite tenebrosa! O mundo é um salteador covarde! A honestidade é letra sem aceite! A consciencia moeda sem valor fixo! A

infamia passa altiva, reclinada ao fundo das carruagens! A honestidade mendiga o pão da caridade para applacar as contorsões da fome! Para a honra, o motejo, o escarneo das turbas! Para a vilania as festas e os applausos!... A mim, victima imbelles de um processo torpe, do qual a custo me salvei, a repulsão, o desprezo... a negação do proprio trabalho!... Para elle, para o miseravel que quiz trucidar-me a honra, todas as attentões, todos os respeitos!... Mas que importa? O mundo não se compõe sómente de infames. Luctarei... luctarei sempre, ate que vença ou succumba!... Porém, Laura... minha filha... minha mãe?! E' possivel que eu continue a scr-lhes um traste inutil? Eu que tenho o dever de combater por ellas? Não! E' preciso que trabalhe! Fecham-meas officinas? E o que tem isso? Irei ser jornaleiró... varredor de ruas... tudo... tudo que me faculte recursos para safar-me d'esta posição miseranda... para fugir a esta condição abjecta! (*Toma o chapéo e sahe vivamente*).

---

## SCENA II

### Laura e Luiza

LAURA (*só*).—Já não está aqui!... Na realidade, estou desconhecendo Jorge!... Tem-se tornado outro nestes ultimos tempos! Parece que tudo aqui lhe aborrece... que lhe causa tédio!... Dias ha em que, sahindo pela manhã, só volta á noite! Pouco nos falla... Oh! isso para mim é motivo de innumeradas apprehensões! Dar-se-ha o caso que se extinga o seu amor? Se por ventura fosse... não... não devo acreditar. (*Senta-se*).

LUIZA (*entrando*).—E' uma bregeira, tua filha! Não foi capaz de dormir enquanto não disse que lhe daria uma boneca com dentes de prata e cabellos de ouro.

LAURA.—Que innocencia!

LUÍZA.—Nessa idade somos todos assim! E' a quadra mais risonha da vida.

LAURA.—Tens razão!... A vida seria um nectar de venturas, se jámais passassemos da infancia. Se é tão feliz!... Tudo são flores, prazeres e alegrias!... Não ha um só pensamento que venha turbar a serenidade do espirito... nenhum temor agita o coração... O horizonte é sempre azul; as estrellas sempre scintillantes!...

LUÍZA.—Aposto que te querias apanhar ainda nessa quadra?

LAURA.—E' porque não? Quem não sente espesinharem-lhe o coração as saudades da infancia?! Quem não se recorda dessas manhãs da primavera, em que a natureza cheia de esplendores, parece enviar sorrisos de bonança á criança que, dos braços da miseria, aguarda o abençoado pão que lhe vem applicar as torturas do estomago? Como não se é feliz ao contemplar nosso pai, inundado de suor, empunhando as ferramentas do trabalho e conquistando com ellas os recursos capazes de furtar-nos á mendicidade? Ah! é essa a pagina de ouro da vida humana!

LUÍZA.—Pagina ingrata, minha irmã! Uma vez passada, não volta mais!

LAURA.—A infancia, disse um poeta, é como o som da lyra que subito nos falla ao coração: quando o procuramos, já se tem extinguido.

LUÍZA.—Mas, ainda agora reparo: estás hoje de uma melancolia singular! O que quer isso dizer? Sentes-te doente?

LAURA.—Talvez. A cabeça anda-me em redemoinho; o coração comprime-se-me... Ha bastante tempo que me

sinto rodeada de reccios e incertezas... Tudo me faz estremecer... Sintô aproximar-se a tempestade... mas ignoro d'onde vem. Oh! a duvida tambem é um mal acabrunhador... horrivel!...

LUIZA. — Fallo-te francamente, : depois de um certo tempo para cá, tenho notado uma extrema mudança nesta casa. Vejo-te sempre taciturna, apprehensiva! Que desgraça é essa que nos fere, e a qual tanto me occultas? Tenho precisão de conhecê-la, porque, bem sabes, os teus infortunios são os meus.

LAURA.—És uma criança!... O que se passa comnosco nada tem de singular: é uma phase da existencia do pobre... A vida, Luiza, não é um sonho de venturas, como dizem os poetas das idealidades felizes; é, sim, a lucta da natureza humana pelo bem... Ella tem seus periodos de risos, como os tem de lagrimas... tem tambem as suas estações; nós tocamos ao inverno da nossa.

LUIZA.—E não podiamos conservar-nos em sua primavera?

LAURA.—Eu bem quizera... porém... não vês o quanto Jorge está mudado?

LUIZA.—E' certo; vejo-o sempre meditabundo e carancudo; mas isso facilmente se explica. E' tão afflictiva a sua posição!... E d'ahi tens-te tornado tão capricho. a!...

LAURA.—Caprichosa, eu?!

LUIZA.—Sim; antigamentê só fazias o que lhe era agradável; hoje só procuras contrariar-o. E achas que isso não o acabrunha? Jorge é tão sensivel quanto bom.

LAURA.—Sei que de alguma forma tenho o affligido; mas, se tal acontece, razões ha que a isso me forcãam. Elle prohibiu-me sempre que trabalhasse; porém eu, que via augmentar-se cada vez mais a nossa miseria, desobedecei-

lhe. A que estado chegaríamos, se acaso não houvesse tomado a tempo esse alvitre? As dividas decuplicavam-se, os credores, esses que jámais querem saber a condição dos que lhes devem, tornavam-se exigentes, e as nossas necessidades cresciam terriveis e ameaçadoras. Que amargurados dias não passámos antes?! Quantas vezes não nos vimos sem pão... sem alimento algum para matar a fome?! Oh! Jorge é um ingrato, começo a reconhecê-lo!...

LUIZA.—Não o accuses, Laura! Elle sofre muito!... Depois que aquelle infame entregou seu nome aos escandalos de um processo publico, Jorge, victima de constantes aggressões anonymas, vive sob a pressão de um desgosto profundo.

LAURA.—E de quem é a culpa? D'elle sómente. Mais de uma vez pedi-lhe que deixasse de escrever para tal jornal, receiosa do futuro. Tornou-se surdo ás minhas supplicas. Era bem de preve -se o amargo presente.

LUIZA.—Isso é ainda uma bondade do seu coração. Jorge, dotado de um espirito lucido, senhor de uma instrucção bastante superior á classe em que o collocára o destino, não podendo ver impassivel a grande desigualdade social, todos os bens para estes e todos os males, todos os sacrificios para aquelles, revoltou-se e entrou em guerra aberta e franca com todos os preconceitos e convenções sociaes.

LAURA.—E' nobre o seu proceder, mas o que alcançou de tudo isso? De um lado, inimigos poderosos, como o Sr. commendador Lopes Vieira, e de outro, simples curiosos que o applaudem por distracção. Quem o protege? Quem o ampara? Dous ou tres amigos, e nada mais. Derramouse um tal horror no seio das officinas, que hoje, em muitas d'ellas, não ha um só operario que tenha a coragem de ahi apparecer com a *Lanterna*! E, o que é peor, ha al-

guns d'elles que se fazem écho das calumnias contra Jorge, chamando-o ousado, pretencioso, desordeiro! O jornal em vez de progredir, retrograda, diminuindo dia para dia as assignaturas e as adhesões: todas as officinas fecham-se para elle. Eis ahí o seu lucro.

LUIZA.—E' doloroso tudo isso; mas, para mim, tenho que é o seu titulo de gloria. Se as suas doutrinas não fossem sãs, se os seus principios não fossem verdadeiros, não tivessem por si a razão, não despertariam tantos odios, não provocariam tão crua guerra.

LAURA.—E' possível que sim; mas...



### SCENA III

#### As mesmas e Polycarpo

POLYCARPO (*entrando*).—Quem morre de bexigas não deixa signa s. Tenho o prazer de saudal-as. Onde está o nosso homem?

LAURA.—Ainda não o vi hoje.

POLYCARPO.—Como?! Então elle já dorme fóra de casa?!

LAURA.—Não; porém sahio muito cedo.

POLYCARPO.—Ah! isso agora é outra cousa. Pensei que o *marreco* fosse um dos moços da época.

LUIZA.—Não, senhor; Jorge é o melhor dos homens.

POLYCARPO.—Lá isso é exacto... O que elle tem de máu é aquella cabeça leve e sem miolo. E olhem que não ha forças que o façam arredar passo da má estrada porque se encaminha!... Triste d'aquelles que o aconselham a afastar-se d'ella!... São seus maiores inimigos!... Eu cá é que não lhe d'igo nem mais uma nem duas. Quem por sua cabeça se guia, acaba por seu espirito.

LAURA.—Jorge é orgulhoso !

LUÍZA.—Não digas isso ! Jorge é d'aquelles que, conhecendo seus direitos, não consente que ninguém os conculque. É um homem honrado, não quer que o ma-culem.

POLYCARPO.—São nobres, nobilissimos, esses principios, minha bella menina; porém é preciso fazermo-nos do cego e surdo quando somos pobres. O homem deve co-meçar rasteiro como a hera, para que possa um dia ser tão altivo como Napoleão, o grande. Isso de querer ter a cabeça muito erguida é a maior das loucuras; chega-se sempre a um máu resultado.

LUÍZA.—Nem todos os genios são iguaes.

POLYCARPO.—Quando se é pobre, não ha genios; vai-se ouvindo e marchando sempre. Não digo que o homem não tenha o seu momento de honra offendida; mas é preciso ser um pouquinho humilde; não se deve nunca tomar a nuvem por Juno.

LAURA.—Acho que o senhor tem razão.

POLYCARPO.—E hão de achar todos aquelles que reflectirem. É muito bom caminhar-se de vento em pôpa; ir-se em linha recta; porém ha tantos recifes, tantos cachopos, que necessariamente ha de se bordejar. Que nos importa a nós outros que Pedro ou Martinho siga em caruagem pela mesma estrada em que caminhamos a pé? Elle chegará hoje? Nós amanhã. São estas as regras de bem viver, D. Luizinha, e as quaes porei em pratica quando for seu marido !...

LUÍZA.—Meu marido?! Então nunca se ha de casar.

POLYCARPO.—Não falle assim, menina; o tempo é caprichoso.

LUÍZA.—Já esteve melhor a conversa.

POLYCARPO.—Está bom; quem fallou já aqui não está. Não quero que se enfade commigo: isso tirar-me-hia a vontade de comer pelo menos oito dias.

LUIZA (*que tem fallado com Laura*).—Vou preparal-o já.

LAURA.—Já é tempo. (*Luiza sahe*).



## SCENA IV

### Laura e Polycarpo

POLYCARPO.—Ora diga-me: a senhora, ouvindo-me fallar de tal modo, ha de julgar-me, lá para si, um endemoninhado sem rei nem roca?

LAURA.—Não, Sr. Polycarpo; faço justiça aos seus sentimentos; sei que o senhor falla como um homem que tem experiencia do mundo.

POLYCARPO.—Certamente: as mulheres e o mundo, conheço-os como a mim proprio. E, note-se, são bem incompreensiveis! O mundo lá tem suas fendas, é certo; porém estão tão bem calafetadas que é impossivel descobrir-se-lhas. E as mulheres então? São bichinho de duas ca-beças! Enquanto uma dorme a outra está alerta.

LAURA.—Talvez que essa sua opinião não se'a destituida de fundo todavia, se as mulheres são tão más, só os homens contribuem para isso.

POLYCARPO.—Que barbaridade, santo Deus!... O homem ao lado da mulher é uma cousa atôa... um Manél banana... é o mesmo que o sapo com a cobra: esta abre a bocca e aquelle, sem querer, vai cahir-lhe dentro. Eu mesmo que aqui estou, com toda a minha experiencia, tenho mordido na isca innumeradas vezes. Ainda a ultima vez que cahi, foi numa de tirar-se-lhe o chapéo! Quiz casar-me, e

não me foi difficil encontrar mulher como desejava. De juizo, honesta e com alguns capitaes. Fjei-me nas endiabradas caraminholas de um rabula, e fui completamente bigodeado por ellé e ella. A tal senhora, que me fôra apresentada como viuva de um fazendeiro da provincia de S. Paulo. não era mais do que uma figurante de theatro, chegada do norte.

LAURA.—E' possivel?!!

POLYCARPO.—O patife que se intitulava seu procurador particular pilhou-me um conto de réis.

LAURA.—E como conseguiu elle enganar-o?

POLYCARPO.—Muito facilmente. Essa gente tem uma labia capaz de convencer aos proprios santos. O tratante, sempre que queria lambar-me o dinheiro, vinha com uma grande historia, a respeito da tal senhora, e...

LAURA.—O senhor calhiu como um patinho?

POLYCARPO.—Pudera não! Quatrocentos contos não é nenhuma bagatella que se deixe passar pela porta sem que se corra ao seu alcance. E assim como o tratante ~~cinzou-me~~, podia bem ser exacto. Perdi um conto de réis, em compensação ganhei experiencia. Hoje será muito fino o tratante que enganar-me.

---

## SCENA V

### Os mesmos e Henrique

HENRIQUE (*entrando*).—Bom dia, D. Laura!... Oh! por aqui meu tio!...

POLYCARPO.—Sim, senhor; o que temos?

HENRIQUE.—Um negocio urgente...

POLYCARPO.—Pois diga lá isso,

HENRIQUE.—Perdão, é que é segredo, e...

LAURA (*dispondo a retirar-se*).—Estejam á vontade.

HENRIQUE.—Oh! é muita bondade!...

LAURA.—E' o meu dever. (*Sahe*).

---

## SCENA VI

### Henrique e Polycarpo

POLYCARPO (*sentando-se*).—Vejamos do que se trata.

HENRIQUE (*idem*).—Antes de tudo, consinta que lhe diga que o senhor é o melhor dos tios passados, presentes e futuros.

POLYCARPO.—Má vai essa!... Não gosto nada d'esses cumprimentos.

HENRIQUE.—Não gosta?! E eu, que o estimo tanto, hei de occultar a verdade?! Oh! não de certo! E por isso passo a dizer-lhe que bem poucos homens fazem fortuna como o senhor a fez, na capital do Imperio do Brazil.

POLYCARPO.—Deixa-te de historias; e falla, se queres fallar.

HENRIQUE.—Ahi vai, sem mais preambulos. Preciso de trezentos mil réis.

POLYCARPO (*levantando-se*).— O que?!

HENRIQUE.—Preciso de trezentos mil réis, meu tio.

POLYCARPO.—Trezentos mil réis?! Olha bem para mim. Achas-me com cara de burro ou de tolo?

HENRIQUE.—Nem de uma, nem de outra cousa; mas necessito d'essa quantia urgentemente.

POLYCARPO.—Necessitas?! E o que fizeste do teu ordenado?

HENRIQUE.—Ora! gastei-o! O que são cem mil réis para um rapaz como eu viver nesta côrte, onde um par de botinas custa doze mil réis?

POLYCARPO.—E' muita cousa.

HENRIQUE (*continuando*).—Onde um chapéo d'cstes custa onze.

POLYCARPO.—Faça como eu: compro-os em segunda mão.

HENRIQUE (*idem*).—Onde uma calça custa dezoito...

POLYCARPO.—Use-as de brim, como em uso, que são frescas e economicas.

HENRIQUE (*idem*).—Onde, uma sobrecasaca custa sessenta mil réis...

POLYCARPO.—Mas ha ahi de alpaca, muito boas, e que custam trinta.

HENRIQUE (*idem*).—Onde finalmente, casa, comida, roupa lavada e engommada custam quasi uma fortuna!

POLYCARPO.—Eu, que sou seu tio e que possuo na praça um nome como o senhor nunca ha de possuir, gasto sessenta mil réis por mez e passo uma vida de rei. Em sua idade ganhava trinta mil réis, e nunca incomodei aos parentes com choramingas nem pedidos.

HENRIQUE.—Mas, meu tio!...

POLYCARPO.—Seja mais economico; faça o que eu fiz, e o dinheiro ha de chegar-lhe.

HENRIQUE.—Mas isso é terrível!... E' pôr-me em apuros!

POLYCARPO.—Não quero saber de cousa nenhuma.

HENRIQUE.—Está bom, meu tio; não me amaldiçõe quando souber... que suicidei-me e que o nome dos Abreus está deshonrado. Adeus. (*Vai a sahir*).

POLYCARPO (*chamando-o*).—Henrique.

HENRIQUE (*voltando-se*).—Meu tio?

POLYCARPO.—Anda cá. Não quero que vás por ahí além apregoar que sou um sovina... um usurario. Dize-me, para o que querés essa quantia?

HENRIQUE.—E'... (*á parte*) O que lhe hei de dizer?... (*Reflectindo*) Ah!

POLYCARPO.—Então, nã ) fallas?

HENRIQUE.—E' para pagar a um credor que retira-se amanhã para a Europa.

POLYCARPO.—E' isso?

HENRIQUE.—Sim, senhor.

POLYCARPO.—Vê lá; se me enganas, perdes o triplo.

HENRIQUE.—Sou incapaz de tal, meu tio. (*Polycarpo vai á mesa e escreve. A' parte*) Caiu! Não ha nada como ter-se um tio rico!... Trezentos na unha, e pé na folia!

POLYCARPO.—Toma, entrega este papel ao João.

HENRIQUE (*depois de ler*).—Que lhe dizia eu!? O senhor é o rei dos tios! (*Abraça-o*).

POLYCARPO.—Vai-te, vai-te.

HENRIQUE.—Até logo, meu tio. (*A' parte*). Que excelente pagode!... (*Sahe vivamente*).

---

## SCENA VII

POLYCARPO (*só*).—E' um avoador!... Um estroina!... Mas, no fim de contas, é meu sobrinho... filho de meu pobre irmão Anastacio, a quem Deus tenha por lá muitos annos sem mim! E' amante do deboche; porém isso é muito natural: é moço, quer divertir-se. Eu bem queria

trazel-o cá á minha escola ; mas é impossível. Emfim, deixal-o. Estou bem certo de que elle não ha de ser dos peiores... nem tambem dos melhores. (*Vendo o relógio*) Onze horas !... E eu ainda aqui !... Vou tratar de despedir-me e andar. (*Entra á direita*).

---

## SCENA VIII

**THEREZA** (*só*).—Ninguem ! Julguei encontral-o. Tanto melhor. Ah ! Sr. Jorge, esse desprezo que o senhor me devota vai ser bem castigado ! O seu indifferentismo ha de custar-lhe caro ! O senhor ignora o quanto é para temer-se uma mulher a quem desprezam e repudiam !... Eu far-lhe-hei saber-o. Os meus conselhos têm produzido em Laura o effeito que desejo ; vou agora descarregar o golpe decisivo. Esse amor que o senhor tem como um thescuro ha de abater-se !... Ha de an quilar-se !

---

## SCENA IX

### **Thereza, Polycarpo e Laura**

**POLYCARPO** (*vindo do interior*).—Até logo ; vou á Alameda ; até logo. (*Vendo-a*) Minha senhora ! (*Thereza corresponde-o. A' parte*). Esta mulher é bem capaz de me fazer esquecer quem sou. (*Comprimenta-a e sahe*).

**LAURA** (*indo a ella*).—Ah ! por aqui !

**THEREZA**.—Vim dar um passeio, e ao mesmo tempo buscal-a para fazer-me companhia até a rua do Ouvidor, onde vou fazer algumas compras. Espero que não se recuse ao meu primeiro convite.

**LAURA**.—Custa-me um pouco acetal-o ; mas, para ser-lhe agradável...

THEREZA.—Aceita-o?! Creia que fico-lhe summamente grata! Onde está a Luizinha?

LAURA.—Lá dentro; venha até cá. (*Sahem as duas.*)

---

## SCENA X

Jorge (*só*)

—Nada! Todos os meus passos baldados!... Fallei, pedi, e ninguem attendeu-me!... Ah! triste é a condição d'aquelles que não se deixam humilhar; que pedem, mas não supplicam!... Infame sociedade!... Mundo perverso!... Que te importa aquelles que sob seu tecto vertem lagrimas de sangue? Que te importa o martyrio d'aquelles que soffrem para conservar illibado o seu character?! O pobre é o miseravel, diz ella!... não tem direitos, não tem honra... não tem familia!... Ou curve-se á prepotencia, aos absurdos, ou morra acabrunhado e dilacerado pela fome!... Ingrato dilemma é este, que esse conjuncto de nescios e libertinos arremessa ás faces d'aquelles a quem o acaso do nascimento deu por berço as seccas palhas de uma choça!... Ah! mundo!... mundo! Que eu pudesse calcar-te inteiro sob o peso de meus pés!... Mas eu te desprezo, como tu a mim... odeio-te!... execro-te!... (*Voltando-se*) Ah! Laura! Occultemos-lhe minha dôr! (*Senta-se, e parece escrever.*)

---

## SCENA XI

Jorge, Laura, Luiza e Thereza

THEREZA (*a Luiza*).—Então, não quer ir connosco?

LUIZA.—Não; sinto-me um pouco indisposta.

THEREZA.—Bem; adeus. (*Beija-a*). Oh! o Sr. Jorge! Desculpe-me não ter-lhe fallado logo que entrei.

JORGE.—Nunca reparo nisso.

THEREZA.—Então como se tem arranjado com aquella empreza?

JORGE.—Qual?!?

THEREZA.—Aquella celebre.

JORGE.—Juro que não a comprehendo, minha senhora!

THEREZA.—Talvez que mais tarde venha a comprehender-me. (*Gargalhando*). Até a volta, Sr. Jorge; até a volta. (*Sahe juntamente com Laura, rindo desabridamente*).

---

## SCENA XII

### Jorge e Luiza

JORGE (*com estupefacção*).—O que significará isto?! Porque assim ri essa senhora?

LUIZA.—Não faça caso: é seu genio.

JORGE.—Não o duvido; porém suas palavras...

LUIZA.—Não passarão de um gracejo.

JORGE.—Póde bem ser; todavia, acho-o grosseiro de mais.

LUIZA.—Não te preocupes com isso! D. Thereza é uma moça folgazã.

JORGE (*com amargura*).—Tenho reparado já.

LUIZA.—Já almoçaste?

JORGE.—Não, e nem mesmo tenho disposição.

LUIZA.—Oh! mas isso póde vir a ser-te prejudicial! Ora espera, vou preparar-te um almoço succulento.

JORGE.—Não, Luiza; não te incomodes por mim.

LUIZA.—E' um instante. (*Sahe.*)

## SCENA XIII

### Jorge, e depois Gustavo

JORGE.—O quanto me estima Luiza!... Ella, para quem nada mais sou que um conhecido!

GUSTAVO (*entrando*).—Bom dia, meu amigo.

JORGE (*apertando-lhe a mão*).—Como passas?

GUSTAVO.—Bem; e tu?

JORGE.—Eu...

GUSTAVO (*interrompendo-o*).—Não continues; leio em teus olhos as dôres que te vão pela alma.

JORGE.—Os olhos são um espelho perfido, meu amigo.

GUSTAVO.—Não; elles fallam sempre a verdade. Além d'isso, para que me convença do que digo, basta olhar para as tuas faces. O que quer dizer essa lividez que as cobre? Não será o sulco de afflictivos tormentos? A vida, meu amigo, é como as flores: são bellas, têm perfume enquanto os quentes osculos da brisa rorejam-lhe as petalas; tornam-se, porém, desmaiadas, sem fragrancia, quando as impetuosidades das chuvas do inverno inundam os jardins em que vivem.

JORGE.—Meu amigo!...

GUSTAVO.—Sei, Jorge, o quão pesada tem-te parecido a vida nestes ultimos tempos; sei quantos golpes têm-te trucidado a alma, quantos espinhos sangram-te o coração. A sós, nos longos dialogos que travas com tua alma, cobres o mundo de injurias; vilipendias a so-

cidade que não te protege nem te acolhe ! Por teu lado, tens razão, porque é a dôr, a desésperação que te fazem esbravejar; mas acaso conhece ella os teus infortúnios? Quem pôde adivinhar que no interior do homem, que passa altivo e firme por entre a multidão que se choca e que se cruza pelas ruas, ha um coração tranzido, uma alma despedaçada ? Ninguém, de certo.

JORGE.—E para que essa multidão o saiba, o que é necessario fazer-se ? Que esse homem agarre de um em um os transeuntes e diga-lhes, chorando: Senhor !... senhor !... eu sou um desgraçado !... não tenho emprego... não tenho pão para minha familia!... Por caridade protegei-me !... Amparai-me por commiseração !?... Oh ! isso seria a maior das infâmias !... A mais triste das humilhações !...

GUSTAVO.—Não é isto que te digo; acalma-te ; dos escuros dedalos da exaltação jámais se pôde antolhar os reflexos da luz da razão.

JORGE.—Continúa.

GUSTAVO.—Tu, Jorge, sustentas a mais insana das luctas: queres pôr-te fóra do teu seculo.

JORGE.—Tens razão ! Tenho sido um louco querendo endireitar aquillo que nasceu torto; no entanto, nunca me arrependerei d'essas extravagantes tentativas. A missão do homem na terra é sempre mais nobre que aquella que o geral d'elles cumpre. Cada um de nós quando, vêm ao mundo, já traz um encargo a desempenhar. O meu é penivel: é sacrificar-me pelas minhas idéas ; mas desgraçado d'aquelle que, por amor ao seu bem—estar, sacrifica essa missão. O que é a vida senão a lucta continua ? senão o trabalho sem limites ? O homem que se afasta d'este principio é inutil.

GUSTAVO.—E' razoavel o que dizes ; mas, se a totalidade afasta-se d'essas tão sensatas theorias, porque ha de

sustental-as e querer pol-as em prática apenas uma diminuta fracção ? E' uma loucura, bem deves comprehender.

JORGE.—E' que essa fracção, pequena em seu numero, porém grande, colossal mesmo, em seu valor, sabe obedecer e cumprir os preceitos que lhe foram impostos pela natureza. Que nome merece o soldado que, pela superioridade das forças inimigas, depõe as armas e abandona o posto que o amor da patria e a dignidade nacional prescreveram-lhe a obrigação de defender ?

GUSTAVO.—Covarde.

JORGE.—E' exactamente esse o epitheto que merece aquelle que foge do combate com o mundo. A vida, meu amigo, tambem é uma campanha. O estandarte é a idéa; as metralhas, a palavra; a espada, a penna. E, uma vez dada a batalha, perde-se o direito de recuar. Ou vence-se ou morre-se !

GUSTAVO.—Perdão ; o depôr as armas quando a superioridade do inimigo encurral-a e sitia o exercito, tornando inuteis todos os meios de resistencia, se não é tambem uma bravura, é pelo menos uma acção relevante. Poupá-se sangue, que seria derramado em vão, e vidas que bem poderiam ainda ser preciosas.

JORGE.—Não vou pela tua theoria.

GUSTAVO.—Entendes então que deve-se continuar a luctar !

JORGE.—Enquanto restar um homem de pé, deve-se combater para que possa dizer o mundo:—não venceu ; mas morreu !

GUSTAVO.—Já vejo que não nos podemos entender.



## SCENA XIV

### Os precedentes e Luiza

**LUIZA.**—Está prompto, Jorge. (*Vendo Gustavo, comprimenta-o.*)

**JORGE.**—Queres almoçar ?

**GUSTAVO** (*vendo o relógio*).—Almoçar ás duas horas da tarde!... E' celebre!...

**JORGE.**—Admiras-te?

**GUSTAVO.**—Não; mas acho interessante.

**LUIZA.**—E mesmo para que o faça agora, foi necessario que eu instasse com elle.

**GUSTAVO.**—Como? Terás tu por ventura o privilegio do cameleão ?

**JORGE.**—Vem fazer-me companhia.

**GUSTAVO.**—Vou só para ver-te comer. (*Sahem todos á direita.*)



## SCENA XV

### Henrique, e depois Luiza

**HENRIQUE** (*só*).—Oh! que isolamento vai por aqui!... Nem o bom de meu. tio está!... Ah! que magnânimo coração possui o prezado irmão de meu pai!... Se não fôra elle, perdia hoje a melhor das pandegas!... Opera lyrica, *lunch* depois do espectáculo! Dous carros, quatro *nymphas* e Jardim Bótanico! Isso é que se chama saborear a vida!... O mais tudo é historia!... (*Luiza apparece, fazendo crochet*) Oh! Exma. Sra. D. Luizinha, continúa a passar bem?

**LUIZA.**—Sem novidade alguma.

HENRIQUE.—Já o previa. O que pôde perturbar a paz de um espirito tão cheio de graças e encantos ? A senhora é como os astros que á noite caminham pelos celestes jardins, inundando de luz este *mare magnum* de misérias.



## SCENA XVI

### Os mesmos, Jorge e Gustavo

GUSTAVO.—Bravissimo !... Estás nos teus momentos de romanticismo !...

JORGE.—Apenas infeliz na escolha.

HENRIQUE.—Perdão, eu nada mais fazia que exaltar as graças da D. Luizinha.

LUIZA.—E fazia-o com muita graça.

GUSTAVO.—E ainda ha quem diga que os pobres de espirito não têm valor ! Pelo menos servem para divertir a outrem. (*Luiza sahe.*)

HENRIQUE.—És terrivel ! Estás sempre prompto a satyrisar os amigos !

GUSTAVO.—E' um favor que lhes faço, quando são pretenciosos e ridiculos como tu.

HENRIQUE.—Sabem o que aqui me trouxe ?

GUSTAVO.—Vai dizendo.

HENRIQUE.—Venho convidal-os para uma pandega de arromba !

GUSTAVO.—Sim ?

HENRIQUE.—Uma pandega de arrancar couro e cabel-lo ! Imaginem que sou eu, tres amigos que arranjar e quatro figurantes da companhia lyrica: Mazzoni, Estellite, Rosa Pasi e Eva Fiorata. Posso contar com vossès ?

JORGE.—Bem sabes que sou incompatível com esses folguedos sem nome.

HENRIQUE.—E tu ?

GUSTAVO.—Posto que não participe de toda a moral de nosso amigo, não posso fazer parte dos teus convivas. Tenho minha mãe doente e só.

HENRIQUE.—Nestas circunstancias... É o mesmo, arranjarei outros.

GUSTAVO (*tomando o chapéo*).—Adeus, Jorge ; até amanhã.

HENRIQUE.—Adeus, meu philosopho *sans-culotte*.

JORGE.—Adeus, meus amigos. (*Os dous sahem*.) Ah ! me é necessario sahir tambem. (*Vai para o interior*.)

---

## SCENA XVII

Laura (*só*)

Ah ! trahir-me assim !... E' muito !... Elle, que eu julgava amar-me tanto !... Elle, por quem me sacrifico !... Por quem tenho sabido resistir a todas as tentações !... Oh ! é horrivel ! E' necessario que o deixe... que o despreze !... Sim, porque não posso continuar mais a viver n esta casa... não posso encaral-o !... Agora explica-se a razão de sua transformação !... Tem outra amante e por isso... Ah ! como são falsarios e hypocritas os homens !... Como nos sabem illudir ! (*Chamando*) Luiza ! Luiza !...

---

## SCENA XVIII

Laura e Luiza

LUIZA (*apparecendo*).—O que temos ?

LAURA.—Vai preparar-te, minha irmã ; é preciso que deixemos immediatamente esta casa !

LUÍZA.—Deus! O que queres dizer?!

LAURA.—Que Jorge é um monstro... um infame!...

LUÍZA.—Céus!... Que fez elle?!

LAURA.—Atraçou-me... tem uma amante!...

LUÍZA.—E' possível?! Como soubeste?!

LAURA.—Ao sahir, recebi na porta uma carta endereçada a elle!... Abri-a... era da tal mulher, convidando-o a ir jantar hoje em sua casa e pedindo-lhe que cumprisse a promessa, que lhe havia feito, de desprezar-me!... Tive impetos de voltar; mas contive-me. Agora, passando pela rua do Ouvidor, fui vilmente insultada.

LUÍZA.—Como!

LAURA.—D. Thereza conhece essa mulher e mostrou-m'a no interior de um armarinho. Duvidei, e quiz fallar-lhe. D. Thereza apresentou-m'a. « Julgo que o seu gracejo é assaz pesado, ousou ella dizer; bem deve comprehender que nenhum prazer pôde causar-me a presença da pessoa que disputa-me metade do que pertence-me, e a qual desprezo.

LUÍZA.—Oh! que horror!...

LAURA.—Senti-me envergonhada e louca! Quiz esmagal-la; mas detive-me, e pedi-lhe prova do que dizia, affrontando sua audacia. Ella tirou do bolso do vestido uma carta, e mostrou-m'a, dizendo: « Não costumo enganar ninguem... Era a lettrã de Jorge!... Senti um fogo intenso queimar-me o cerebro... fiquei tremula... não pude ler essa carta... mas ahi continha-se uma infamia.

LUÍZA.—Oh! mas quem sabe se não é uma traição?

LAURA.—E' impossivel... Que interesse poderia essa

mulher ter em tal? Além d'isso, bem sabes quanto D. Thereza é minha amiga. Oh! vai... vai preparar-te!

LUIZA.—Custa-me a acreditar. (*Sahe.*)



## SCENA XIX

### Laura e Jorge

LAURA (*só*).—E' até onde pode chegar a ingratidão!... Zombar da credulidade de uma mulher!... Illudil-a... Consentir que a insultem...

JORGE (*indo a Laura*).—Oh! Pensei que não voltasses hoje! (*Laura volta-lhe as costas*) O que quer isto dizer?!

LAURA (*levantando-se*).—Que o senhor é o mais vil de todos os homens!...

JORGE (*com espanto*).—Laura!...

LAURA.—Que o senhor é o ente mais nojento e miseravel que conheço!...

JORGE.—Tu insultas-me?!

LAURA.—Desprezo-o... odeio-o... porque acabo de ter a mais irrecusavel prova do quanto é infimo o seu character... do quanto são mesquinhos e baixos os seus sentimentos!...

JORGE.—Estás louca?!

LAURA.—Louca estava eu quando deposei credito em suas juras e promessas... louca estava eu quando deixei-me levar por suas palavras, julgando serem ellas de um homem de bem!...

JORGE.—Mas, Laura, tu assim me desespéras!... Tira-me d'esse oceano de duvidas em que acabas de lançar-me!...

LAURA.—Nada mais tenho a dizer-lhe além de que a sua companhia tornou-se impossível para mim e que o deixo para sempre!... O senhor é um infame!

JORGE.—Oh! isto é demais!...

LAURA.—E' acaso mentira?!

JORGE.—Tem razão, senhora!... A mais tempo eu devia esperar este triste desenlace!...

LAURA.—Sim, a mais tempo eu devia tê-lo abandonado. Pelo menos não teria dado occasião a que chegasse a cuspir-me nas faces como um miseravel!

JORGE (*avançando para ella*).—Desgraçada!...



## SCENA XX

### Os mesmos e Luiza

LUIZA (*correndo e vindo collocar-se de permeio*).—Jorge!...

JORGE (*tornando a si e suspendendo-se*).—Obrigado, Luiza! Livraste-me de praticar uma infamia!... (*A Laura*). Póde ir, senhora; não quero que por mais tempo sacrifique-se por mim! (*Laura dirige-se para o gabinete. Jorge, adi-antando-se*) Onde vai?!

LAURA.—Buscar minha filha!

JORGE.—Suspenda-se! Aquella criança pertence-me; só eu tenho direito de protegê-la!

LAURA.—Mas o senhor não é seu pai!

JORGE.—Sou perante minha consciencia; sel-o-hei em breve perante os homens!

LAURA.—Deixe-me ao menos vel-a!

JORGE.—Não; aquella criança morreu para a senhora!

LAURA.—Ah! quer torturar me?! Pois engana-se; eu não... a... amo! (*Começa a rir loucamente, e sahe chorando. Luiza segue-a.*)

JORGE.—O que se terá passado?! O que succedeu?! Ha em tudo isso mu mysterio profundo! (*Cahe sentado, soluçando.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO



# ACTO IV

Sala decentemente mobiliada, em casa de Thereza. Porta ao fundo e lateraes.

---

## SCENA I

### Thereza e Laura

THEREZA (*Arranjando as flores nas jarras e rindo*).— Ha de ser magnifico o pagode de hoje!

LAURA (*com enfado*).—Pudera não! Fallaste-lhes em ceia !..

THEREZA.— E o certo é que os moços de hoje são uns glotões! Mas o interessante é que quem tem de pagal-a são elles. (*Vai ao espelho. Pondo carmin nas faces.*) Santo Deus! Como estou hoje pallida! Que olheiras profundas! Causo horror! Não me sinto nada boa. (*Volta-se subitamente. Laura está pensativa.*) Ah! reparaste quem estava na praça da Constituição quando embarcámos no bond?

LAURA.—Não; quem era?

THEREZA.—Pois não adivinhas? O Sr. Jorge de Magalhães.

LAURA.— Ah!

THEREZA.—Se visses que olhares te lançou!.. Pareceu de uma tal maneira desasoçado, que receei que nos seguisse.

LAURA.—Talvez fosse essa a sua vontade ; deteve-o, sem duvida, o seu orgulho.

THEREZA.—Orgulho?! Pois admittes que os homens conheçam esse grande impulso d'alma?

LAURA.—E porque não? Elles o possuem, e em si é maior o seu imperio; penso mesmo que é isso a mais clara expressão de uma natureza maseulina.

THEREZA.—Concordemos que assim seja; eomtudo, bem debes saber que, ao menos em relação ao nosso sexo, elle não existe. Ha uma força, um poder em nós, as mulheres, que doma e humilda o homem, ainda mesmo quando apregoam-se altivos e arrogantes.

LAURA.—Não creio; o homem é quem nos subjuga... é quem nos humilda. Dizem que a mulher é um ente fragil e impressionavel, e cada mais me convencõ d'essa verdade.

THEREZA.—E' uma invenção dos ehamados moralistas. A mulher é um ente impressionante; e em ti mesma tens a prova d'isso: Não vês como te adora o eommandador Lopes Vieira?

LAURA.—Oh! não me falles em semelhante homem!

THEREZA.—Porque? Acaso será um ente repulsivo?

LAURA.—Pelo menos para mim é.

THEREZA.—E' talvez um capricho? Nós as mulheres somos tão caprichosas! E' o grande modo de nos encareermos... de nos fazermos adoradas... disputadas!... Mas, por muito numerosa que seja a nossa côrte... por mais lato que seja o nosso imperio, sempre é bom ser benevolente para com aquelles que se prestam a beijar a orla de nosso vestido...

LAURA.—Oh! isso para mim é um impossivel! Nunca minh'alma sentiu-se tomada de tanta repugnancia como

na presença de semelhante homem!... Acho-o, mais horripilante que um cadaver!...

THEREZA.—Fantasia feminil! Em breve, talvez, ter-se-ha ella desfeito, e minha amiga enxergará então nello o perfeito cavalheiro que é.

LAURA.—Oh! nunca!... nunca!...

THEREZA.—Dar-se-ha o caso de que ainda ames o Sr. Jorge?

LAURA.—Não sei!

THEREZA.—Entretanto, a recordação d'elle parece acompanhar-te sempre... contristar-te um tanto?

LAURA.—E' certo; ao pensar no passado, sinto ennuviar-se-me a fronte e confranger-se-me o coração! Ha momentos em que sinto travar-se lucta infrenc no intimo de meu craneo, e quasi enlouqueço á fúria de tantos e tão desencontrados pensamentos!... Então vem-me o desejo de chorar... de rir-me... e de embriagar-me!...

THEREZA.—Restos de amor...

LAURA.—Amor esse que faz de mim talvez, uma desgraçada, condemnando-me a terriveis supplicios. Sem forças para apagal-o de uma vez, sinto-me allucinada e enraivecida! Tudo ambiciono, tudo quero!... Tudo aborrece-me... tudo causa-me tédio! Ha um unico desejo que perdura em mim: é a avidez do gozo... a sede do prazer... Quero entregar-me aos festins! quero adormecer no dellyrio da orgia!... quero morrer nos braços da devassidão!...

THEREZA.—Tola é a mulher que, como tu, entrega-se a um homem sem nenhum valor, como o tal Sr. Jorge, e consome a sua mocidade longe de todos os ruídos, de todas as festas. O que é a vida sem o estrepito? Uma monotonia mortifera! Isso ao que chamam amor, é uma

tolice que perturba os sentidos da mulher criança. No meu tempo de menina tive d'esses sonhos fantasticos! Vinham-me umas idéas melancolicas! Uns desejos de isolamento matutino... vivendo para elle, e elle vivendo para mim... n'uma casa campestre... com arvoredos verdejantes, riachos... cascatas... ouvindo musica... Mas tudo isso passou. A mulher deve ser livre.

LAURA.—Já cheguei á comprehensão d'essa verdade. E hoje, minha amiga, affianço-te que hei de ser a mais temivel das mulheres!

THEREZA.—E não temes o juizo da sociedade?

LAURA.—Cousa nenhuma; hei de seguir para onde me arrasta o espirito. Era boa, fizeram-me má, hei de ser peor; tinha um coração mataram-m'o? D'ora avante não serei mais que uma furia... uma imprecação!...

THEREZA.—Mas isso... é fraqueza... hallucinação talvez... e o mundo, que procura uma cumplice para atenuar os erros alheios, ha de tornar-me responsavel pelos teus desvarios!

LAURA.—Não; se além de mim ha outro culpado, não és certamente tu; é quem matou-me o coração; é quem endoudeceu-me a alma! Oh! sinto-me fraca para supportar a lucta.

THEREZA.—Mas o simples facto de uma rival não é razão para tanto.

LAURA.—Oh! não zombes! O coração da mulher não soffre maior golpe que aquelle em que sente seu amor ludibriado... escarnecido e disputado por outra!... E' a maior das affrontas... a mais terrivel das dores!...

THEREZA (*que tem tomado de sobre a mesa um jornal*).  
—Oh! já leste esta noticia!

LAURA.—O que diz ella? Lê.

THEREZA (*lendo*).—Acaba de ser agraciado com o título de visconde de Getúmerim o nosso amigo o Exm. Sr. commendador Lopes Vieira, character probo e honrado...

LAURA.—E impossivel !...

THEREZA.—... um dos mais respeitaveis capitalistas desta côrte. »

LAURA.—Que falsidade, meu Deus !... E não diz mais a noticia !

THEREZA.—Ah ! começa a ter interesse ? Diz. (*Lendo*)  
O motivo pelo qual mereceu S. Ex. essa honorifica distincção é a maneira desinteressada e caritativa por que se distinguuiu soccorrendo abertamente os nossos irmãos victimas da secca que tem assolado a infeliz provincia do Ceará. » E' um santo homem, bem vês. A imprensa não mente.



## SCENA II

### As mesmas e Joaquim

JOAQUIM.—Boa tarde, D. Laura. (*A Theresza*) Preciso fallar-te.

THEREZA.—Diga o que sente ; estou prompta a ouvil-o.

JOAQUIM.—Perdão; é segredo.

THEREZA.—Não tenho segredos com o senhor; falle, se quer fallar...

LAURA.—Eu me retiro.

JOAQUIM.—Conceda-me esse favor. (*Laura sahe.*)



### SCENA III

#### Thereza e Joaquim

THEREZA.—O que pretende o senhor ?

JOAQUIM.—Uma bagatella. Quero que me arranjes cincoenta mil réis, immediatamente.

THEREZA.—Sim ? ! E não me dirá para que os quer ?

JOAQUIM.—Pois não o adivinhas? Não sabes que dia é amanhã ?

THEREZA.—Sei ; é por isso mesmo que, ainda que os tivesse, não lh'os daria.

JOAQUIM.—Ora venha lá a cassuada ! Estou hoje mesmo disposto para brinquedos !

THEREZA.—E eu tambem !

JOAQUIM.—Não te faças de arrufada ; anda, arranja-me o dinheiro e não me deixes ficar mal.

THEREZA.—Julga que estou muito contente com o senhor ? Não me fará o favor de dizer porque não voltou hontem ?

JOAQUIM.—E' tão simples ! Encontrei alguns amigos, que não me deixaram enquanto não jantei com elles ; depois fui para o club, e só de lá sahi ás 3 horas da manhã.

THEREZA.—E' um bello comportamento esse para um homem casado ! Mas esteja certo de que não sou nenhuma nescia' que me deixe illudir pelo senhor. Conheço bem todos os seus passos, todas as suas artimanhas. ;

JOAQUIM.—Bravo ! temos ciumes ?

THEREZA.—Admira-se ?

JOAQUIM.—Certamente ; entre nós, tem seus os ares de comedia.

THEREZA.—Impudente! São assim os homens! Só servem para martyrisar-nos!...

JOAQUIM.—Ora deixemo-nos de cantilenas!... Todo mundo sabe que papel cabe-me nesta casa. A senhora precisava de um nome que a puzesse a salvo dos máus juizos, e eu de alguém capaz de facultar-me uma vida de descanso, regalada; encontrámo-nos e ca-úmo-nos. Nada tenho que ver com seus actos, e tão pouco a senhora com os meus. Anda, meu anjo, vai buscar-me dinheiro; estou sem um real.

THEREZA.—Não tenho.

JOAQUIM.—Eis ahí uma coisa difficil de acreditar-se.

THEREZA.—E porque, não fará o favor de dizer-me?

JOAQUIM.—Primeiro que tudo, a senhora é uma professora de piano e canto... tem discipulas... e depois... tem uma sala que enche-se de innumerados adoradores... a senhora sabe vender-lhes bem caro os seus sorrisos... as suas meiguices.

THEREZA.—Se o não considerasse tão pequenino, diria que me estava insultando!

JOAQUIM.—Isto seria bom se estivessemos de mascarar... ante pessoas honestas... felizmente, estamos em familia... Mas vais ou não buscar-me o dinheiro?

THEREZA.—Não tenho, já lhe disse.

JOAQUIM.—Pois bem... adeus... (*Encaminha-se*) D'ora avante não serei mais seu marido; havemos de divorciar-nos.

THEREZA (*correndo a elle*).—Ah! vem cá!

JOAQUIM.—O que quer?

THEREZA.—Entrega esta carta ao commendador Lopes Vieira, e terás a quantia.

JOAQUIM.—Isso não é lá muito honroso para mim; mas vá feito! (*Thereza dá-lhe uma carta.*)

THEREZA.—Tyranno! (*Sahe.*)

JOAQUIM.—Muito bem! És uma santa mulher! Corro ao encontro do tal commendador; pilhe-lhe o cobra e... amanhã!... amanhã lá corro a lançar-me nos braços da folia carnavalesca! e viva a pandega! (*Sahe.*)



## SCENA IV

### Laura, e depois Luiza

LAURA (*Entra vagarosamente, vai ao espelho, endireita os cabellos e senta-se pensativa.*).—Mas o que sinto eu em mim?! Que lucta terrivel é essa que se trava em meu espirito?! Ah! quanto é horrivel amar-se como eu tenho amado!... Saber que fui trahida e enganada, e não poder vingar-me d'aquelles que tão cruelmente feriram-me!... E, essa mulher que ultrajou-me?! Caminha talvez altiva e arrogante, calcando aos pés o coração de outras, como calcou o meu!... Ah! quizera descarregar sobre ella todo o meu ciume... todo o meu odio... todo o meu desprezo... Oh! mas porque choro eu?! Não; é mentira! eu já não tenho lagrimas!... rio-me... sinto-me muito alegre!...

LUIZA (*correndo a ella*).—Oh! que rir é esse, minha irmã?!

LAURA.—Não vês que estou muito alegre?! Quero dansar! Quero embriagar-me!...

LUIZA.—Laura! Laura! minha irmã!

LAURA.—O que me queres?

LUIZA.—Estás acaso delirando?!

LAURA.—Estou louca! louca de ciume e de raiva! Tenho o coração em chammas!... Oh! porque me fizeram tanto mal!... (*Desmaiada*)

LUIZA.—Laura! Laura! Desmaiada! Socorro! Acudam-me!

— — — — —  
SCENA V

As mesmas e Polycarpo

POLYCARPO (*entrando*).—O que acontece? que é?

LUIZA.—Accuda-me, Sr. Polycarpo! Accuda-me!...

POLYCARPO.—Oh! Santo Deus! Desmaiada!... (*Corre ao toucador e traz um vidrinho que lhe dá a cheirar.*)

LUIZA.—Minha irmã! Minha irmã!...

POLYCARPO.—Tranquillise-se; ella vai dar accordo de si.

LAURA.—Ah! (*tornando a si*). O que me aconteceu?! O que tenho?

POLYCARPO.—Não é nada, tranquillise-sc.

LAURA.—O Sr. Polycarpo!... Aqui!...

POLYCARPO.—Então? venho visital-a em nome de sua filha!

LAURA.—Minha filha?! Oh! cale-se, por favor!...

POLYCARPO.—Porque? Não tem saudades desse anjo, que constantemente chora sua mãe?!?

LAURA.—Oh! não! não!

LUIZA.—O que dizes?!?

POLYCARPO.—Está louca?!...

LAURA.—Ah! deixem-me! deixem-me!...

POLYCARPO (*a Luíza*).—Conduza sua irmã a repousar.

LUIZA.—Sim, talvez a tranquilise. Vamos, Laura!

LAURA.—Para onde?

POLYCARPO.—Vá descansar um pouco, sim? Eu lhe peço.

LAURA.—Eu não preciso de repouso; quero ar!

POLYCARPO.—Pois bem, vá respirar lá fóra.

LAURA.—Tem razão; lá deve estar mais fresco do que aqui. (*Sahem as duas.*) Até já, Sr. Polycarpo.



## SCENA VI

### Polycarpo e Thereza

POLYCARPO.—Pobre moça! Arrastada até a beira do abysmo! E só agora é que sei de que cilada foi victima! Agora, quando já é tarde para salva-la!... Mas o endiabrado do meu sobrinho porque não me disse tudo isso ha mais tempo!...

THEREZA (*entrando*).—Oh! o Sr. Polycarpo em minha casa! A que feliz acaso devo esta honra?

POLYCARPO.—A um acaso bem infeliz talvez; porque bem deve saber que ninguem vai ao inferno por gosto.

THEREZA.—Oh! e dar-se-ha o caso de que minha habitação seja o inferno?

POLYCARPO.—E' talvez mais do que isso!

THEREZA.—Sim? e porque então, não me fará o favor de dizer?

POLYCARPO.—Para o inferno só vão as almas culpadas; aqui padecem os innocntes! A senhora é mais do que um demonio: é uma pessima mulher!

THEREZA.—Insulta-me ? !

POLYCARPO.—Faço mais do que isso : accuso-a de uma infamia !

THEREZA.—Senhor ! Esquece-se de que falla a uma senhora ?

POLYCARPO.—Não me esqueço, lamento que tal aconteça, porque, se fosse a um homem que estivesse falando, mesmo velho como sou, teria forças para esbofetear-o !... A senhora perdeu uma mulher e arruinou um homem ! Oh ! mais eu hei de arrancar-lhe o véo ; hei de apresental-a ao mundo como a víbora que é !

THEREZA.—Isto é uma calúnia !

POLYCARPO.—Calúnia ! Hei de ter em meu poder as provas de sua infamia ! O mundo ha de saber quem é a professora Thereza Gomes ! (*Encaminha-se.*)

THEREZA.—Sr. Polycarpo !

POLYCARPO (*voltando-se*).—E esteja certa de que hei de castigal-a eu lh'o juro ! (*Sahe.*)



## SCENA VII

### Thereza, e depois Laura

THEREZA (*só*).—O que irá fazer este homem ? E' bem capaz de desmoralisar-me... Perder-me no conceto do mundo ! Mas o que póde elle contra mim ? Ninguem o acreditará ! A minha reputação é solida ! E, d'ahi, saberei desarmal-o tambem.

LAURA —O Sr. Polycarpo ?

THEREZA.—Já se foi ; fallaste-lhe ?

LÁURA.—Não ; vi-o apenas.

THEREZA.—E ouviste o que elle disse ?

LAURA.—Tambem não. Mas o que tens ?

THEREZA.—Oh ! nada ! Uns simples tremores ! (*Olhando o relógio do consolo*) Oito horas já ! Não devem tardar... Ouço o rodar de um bond ! Vêm talvez nelle. (*Chega á janella.*) Parou... Saltaram... Mas são tres !

LAURA.—Tres ! Eu me retiro.

THEREZA.—Porque ?

LAURA.—O que faço diante d'estes homens que me conhecem ?

THEREZA.—Não me disseste que tens necessidade de prazer ?

LAURA.—É certo.

THEREZA.—Pois bem ; divertir-te-has com elles.

LAURA.—Oh ! sim ! tens razão !

## SCENA VIII

### **As mesmas, Henrique, Ernesto e Gustavo**

THEREZA.—Julguei que não vicssem mais !

ERNESTO.—O promettido é devido.

HENRIQUE.—Era impossivel que deixassemos de vir gozar da bella e amavel companhia.

LAURA.—O Sr. Gustavo !

GUSTAVO.—Entro aqui como Pilatos no Credo ou, melhor, venho concluir o meu estudo.

ERNESTO.—Sabem de uma cousa, minhas senhoras ? Estamos com uma sêde devoradora !

THEREZA.—Água é que temos com abundancia.

ERNESTO.—Água ! Isso não é cousa que se offereça a uns rapazes elegantes e esticados das canellas, como nós outros !

THEREZA.—Quem dá o que tem não é mais obrigado.

ERNESTO.—Isso já tem cabellos brancos ! Mas é vergonhoso que umas moças tão bonitas nada tenham para offerecer-nos.

THEREZA.—Mas vergonhoso ainda é os senhores nada trazer-nos.

HENRIQUE.—Já não está na moda ; hoje são as moças que presenteam os rapazes.

ERNESTO.—Eh ! não, para não parecer *pinga*, pago a cerveja, se ha quem a vá buscar.

THEREZA.—Ora pois não ; venha o dinheiro. (*Ernesto dá-lhe uma nota ; ella vai á porta do interior e parece fallar a alguém*). Quem é dos senhores que tem um charuto ?

GUSTAVO.—Eh. (*Apresenta-lh'o*).

THEREZA.—São bons ?

ERNESTO.—William, Quebra queixos & C.

HENRIQUE.—Papo havana do Rio de Janeiro.

ERNESTO.—Tambem fuma ? ! A isso é que se pode chamar liberalismo feminino !... (*Entra uma criada, que põe sobre a mesa garrafas e copos, e sahe*).

HENRIQUE.—Ah ! agora sou mais que um sultão ! Para mim não ha como ver em minha frente estas *crioulas* ! (*Abre as garrafas*). Vejam !... Vejam como é bello o burbulhar desta espuma !...

ERNESTO (*que tem ido junto a um consolo em que ha um oratorio*).—Olá ! Tambem é devota, D. Thereza ?

THEREZA.—Não tenho que dar satisfação ; saia d'ahi.

ERNESTO (*que tem tirado do oratorio um Santo Antonio enleado*).—Coitado! que erime commetteu o fradinho? (*Risadas*)

THEREZA (*indo a elle*).—Isso é um pessimo costume, bulir no que está quieto.

ERNESTO.—E' boa! E' que eu tambem sou catholico apostolico romano. Sim, senhor! Isto é que se chama uma orgia em familia!... Copos, garrafas de cerveja, luzes, mulheres fumando e bebendo!... Está encantador!...

HENRIQUE (*a Gustavo*).—E tu, meu Degenais, nada dizes? Se foi para isso que cá vieste, terias feito melhor em não vir.

ERNESTO.—Bravo! como entornam!...

HENRIQUE.—O que queres? Se isto não tem espinhos...

ERNESTO.—Mas espera; o trio não está completo; que é da outra deusa?

HENRIQUE.—A D. Luizinha?

LAURA.—Está doente.

ERNESTO.—Oh! é pena!... posso ir visital-a? Onde está?

LAURA (*séria*).—Sr. Ernesto!

ERNESTO.—O que temos? Não posso ir visital-a? E' o mesmo: não irei.

HENRIQUE.—De toda esta festa, nenhum dos que aqui estão sabe o que mais admira-me.

ERNESTO.—Falla, se queres que saibamos.

HENRIQUE.—É da D. Laura.

LAURA.—De mim?

HENRIQUE.—Quem, como eu, a conhêceu, hontem, casta, honesta e recatada, e a vê hoje nesta festa, não pôde deixar de encher-se de admiração!..

GUSTAVO.—No entanto, affigura-se-me que temos um phenomeno bem simples. D. Laura é um d'esses entes cujo coração é bom, mas dos quaes o espirito é sempre fantastico e voluvel ; tudo ambicionam e nada satisfaz-lhes. O mundo, immenso como é, parece-lhes mesquinho para os conter ! O amor n'elles é o desejo do gozo ; morre como nasce : subito e repentinamente.

LAURA.—Engana-se, Sr. Gustavo: Laura não é tão voluvel como o senhor calcula.

GUSTAVO.—Não é?! E como desprezou o amor de Jorge, depois de cinco annos de convivencia? O que é isso senão a prova d'esse espirito voluvel e bizarro?

LAURA.—Talvez que de facto eu não tenha desprezado Jorge ; talvez mesmo que exista ainda em meu peito uma fraca scintilla d'esse amor que por tanto tempo julguei minha ventura ; porém elle tornou-se um homem impossivel e inutil para mim.

GUSTAVO.—E porque? Porque falleciam-lhe os recursos para continuar a tratá-la como d'antes?! Porque tornavam-se necessarios alguns sacrificios da sua parte?! Nas occasiões afflictivas é que se revella o amor verdadeiro. Se a senhora na realidade amasse a Jorge, nunca teria dado esse passo que é a negra macula da sua vida.

THEREZA.—O senhor falla sem razão ; ignora a vida miseravel que durante cinco annos fez passar seu amigo a D. Laura ; ignora as privações e as provanças que ella soffreu durante todo esse tempo.

LAURA.—E depois, Jorge tornava-se de dia em dia frio e grosseiro para commigo.

GUSTAVO.—D. Thereza! Justifique o erro, mas não procure calumniar o melhor dos homens!... Jorge é um excellente rapaz. Talvez que, para a senhora, seja elle um

livro fechado, um enigma indecifrável; porém isso não obsta a que elle seja um homem como se pôde querer.

HENRIQUE.—Muito bem, Gustavo; muito bem! És o melhor dos patronos!...

ERNESTO.—Quem possui um tal amigo, não deve receiar que lhe descosam a pelle.

GUSTAVO.—Acaso terei mentido!

ERNESTO.—De fórma alguma; Jorge é um cavalheiro *comme il faut!*

HENRIQUE.—*Amicus Plato; sed magis amica veritas!*

THEREZA.—O Sr. Gustavo é um excellentes defensor. E' pena que a causa que patrocina seja tão mesquinha e balda de razão.

GUSTAVO.—Assim diria Satanaz, se proximo de si alguém accusasse Eva da perdição do primeiro homem.

THEREZA.—Entende o senhor que Laura fez mal voltando as costas ao Sr. Jorge e batendo a linda plumagem?! Engano e illusão!... Na época que atravessamos o amor é o dinheiro.

GUSTAVO.—Só os espiritos manchados pelo vicio e encharcados no lodo da degradação podem tão vilmente pensar.

HENRIQUE.—Estás hoje de um moral admiravel!...

ERNESTO.—Com tua lingua és bem capaz de pôres tudo raso!

THEREZA.—O Sr. Gustavo é o Jupiter da actualidade. Está sempre prompto a fulminar a todos com suas rigidas expressões.

GUSTAVO.—E' engano; ó que faço é defender aquelles que a covardia e traição só ferem pelas costas.

## SCENA IX

### Os mesmos e Joaquim

JOAQUIM.—Olá ! Como está bonito ! animado !... Cerveja !... (*Agarra o copo de Thereza e bebe.*)

THEREZA.—Meu copo !...

JOAQUIM.—Perdôa, minha amiga ; mas não posso deixar de render preito ao deus do vinho. Mas o que é isto, meus senhores ? Não bebem ?! Não cantão ?! A alma d'estes festins é o estrepito; o ruído, muito barulho !...

THEREZA.—Já ahí vem o senhor com as suas tolices !...

JOAQUIM.—Tolices ?! Pois havemos de estar aqui com a bocca aberta e a olhar uns para os outros ?! Nada ! Cantemos e bebamos !...

ERNESTO.—Apoiado ! E, para principiar, bebamos á saude dos comprehendedores da vida.

JOAQUIM.—Não, não ; bebamos á saude das mulheres libertinas ; bebamos á saude d'essas sereias.

TODOS MENOS GUSTAVO.—A' saude das libertinas ! (*Bebem.*)

JOAQUIM (*a Gustavo*).—E o senhor, não bebe ?

THEREZA.—Não nos acompanha, Sr. Gustavo ?

GUSTAVO.—Ahi vou. (*Levantando-se*) Senhores, bebamos á saude dos parasytas, bebamos á saude d'esses homens sem brio, que se agarram ás libertinas, vivendo do fructo das suas vergonhas e da sua abjecção !...

TODOS.—Muito bem !... muito bem ! (*Bebem.*)

ERNESTO.—Agora á ccia !

JOAQUIM.—Temos ccia ?! Abençoada estrella que cá me trouxe agora !... (*Henrique dá o braço a Thereza e Ernesto*)

a *Laura*, *sahem*). E eu?! (*A Gustavo*). Ah! cá tenho o amigo.  
(*Apresenta-lhe o braço.*)

GUSTAVO.—Os juizes não caminham com os réos. (*Sahe.*)

JOAQUIM.—Esta agora!... E' o mesmo irei só! (*Sahe.*)

---

## SCENA X

LUIZA (*só, vindo do gabinete*).—Ah! este festim!... Estes homens!... Oh! como tudo me tortura!... Como tudo me acabrunha e mata!... E no entanto hei de tudo fazer e ouvir... Hei de sujeitar-me aos grosseiros gracejos de todos aquelles que frequentam esta casa!... Oh! meu Deus!... Amparai-me!... Protegei-me!... E' possível que esse meu martyrio não tenha fim?!... E' possível que se jais tão surdo aos rogos d'aquelles que soffrem?! Oh! matai-me, Senhor!... Levai-me para junto de minha mãe!... De minha mãe, que tão cedo me rebatastes!... De *minha* mãe, que tanta falta me faz!... (*Apparece Jorge.*)

---

## SCENA XI

### Luiza e Jorge

JORGE (*completamente desfigurado*).—Luiza!...

LUIZA (*sobresaltando-se*).—Jorge!... O que vens aqui fazer?!

JORGE.—Ver *Laura*... fallar a tua irmã!

LUIZA.—Mas tu não sabes?...

JORGE.—O que?! o que?! Continúa... falla!...

LUIZA.—Ignoras que casa é esta?! Ignoras o que aqui se passa? *Laura* está perdida!...

JORGE.—E' possível o que me dizes, Luiza?! (*Ouve-se estrondosas gargalhadas.*)

LUIZA.—Ouve?!

JORGE.—O que quer isto dizer?!

LUIZA (*conduzindo-o até junto á porta do interior*) Vê!...

JORGE.—Laura de copo em punho!... Um homem tenta abraçar-a... beijar-a... Ah! miseravel! (*Quer encaminhar-se.*)

LUIZA (*detendo-o*).—Oh! contem-te!...

JORGE.—Deixa-me, Luiza, deixa-me ir calcar aos pés aquelle infame!...

LUIZA.—Acalma-te; não queiras manchar-te!

JORGE.—Oh! mas isso!...

LUIZA.—E' a Laura que queres fallar, não é assim?... Pois espera!... Vou chamal-a!... (*Sahe*)



## SCENA XII

### Jorge (*só*)

(*Cahindo sentido*).—Ah! meu coração não póde mais soffrer tantos e repetidos golpes!... Tenho o crebro em chammas!... Foge-me toda a razão!... Laura, a quem tanto amava e amo ainda, perdida para sempre!... Ah! que terrivel tormento é o meu!... Ver minha filha sem mãe!... Mas será possível que Laura, aquella mulher que era o prototypo da honradez... o modelo de todas as virtudes, tenha descido tão baixo?! tenha-se degradado tanto?! Não posso acreditar!... Sei o quanto ella é caprichosa, e tudo isso não passa de uma leviandade!... E estou bem certo de que, fallando-lhe... supplicando-lhe... não será surda á minha voz!... Mas... se o f r?! Se o for... Oh! nem quero pensar no que farei!...

## SCENA XIII

### Jorge e Gustavo

GUSTAVO (*indo a elle*).—Tu aqui, meu amigo?!

JORGE.—Não podia estar mais tempo sem ver Laura! Meu coração tem necessidade d'ella; minha tranquillidade depende de sua companhia!

GUSTAVO.—Mas isso é indigno de ti!...

JORGE.—Bem o sei, meu amigo; porém o amor é mais forte que a minha vontade!... Sem Laura é-me impossível viver.

GUSTAVO.—Ora vamos! não sejas criança!... Não tens ainda tua mãe?

JORGE.—Tenho-a, e amo-a muito!

GUSTAVO.—Não tens uma filha?

JORGE.—E' o meu anjo tutellar!...

GUSTAVO.—Pois bem, meu amigo; consagra-te a esses dous entes; converge todo o teu amor para elles, e esquece essa mulher, que é indigna de ti!... Laura morreu nas garras de uma terrível enfermidade! Thereza foi quem a matou!...

JORGE.—Oh! é impossível!... E' impossível!... Laura é o phanal de minha vida!... Tudo esquecerei... Tudo sacrificarei por ella!

GUSTAVO.—Mesmo a tua honra?!

JORGE.—Mesmo a minha honra!...

GUSTAVO.—Estás louco, não ha que ver!... Pois esqueces-te do que vale um homem sem honra?! Esqueces-te de que tens uma mãe, e que a lama que sobre ti cahir irá salpical-a?! Queres porventura matar de dôr e vergonha essa pobre velha, que tanto te estima?!...

JORGE.—Meu amigo!...

GUSTAVO.—Que futuro legará a tua filha?! Oh! poupa ao menos áquelle anjo essa vergonha no porvir. Sê homem! Impõe silencio aos gritos de teu coração!... Tapa os ouvidos aos clamores de tu'alma, e foge... foge d'esta casa!...

JORGE.—Sem vel-a! sem fallar-lhe!... Oh! não!... não posso!..!



## SCENA XIV

### Os mesmos e Laura

LAURA (*entrando*).—Quem me procura?! (*Vendo Jorge*) Ah! ainda o senhor!...

GUSTAVO (*á parte*).—Com que ar lhe falla!...

JORGE.—Sim, sou eu, Laura; eu que desejo fallar-te...

GUSTAVO (*idem*).—E' preciso não abandonal-o!

LAURA.—Parece-me que mais de uma vez já tenho dito que nenhum negocio tenho com o senhor? Já lhe fiz mesmo sentir que a sua presença era-me repulsiva!

JORGE.—Tens razão!... Podes dizer o que bem te approuver... mas ouve-me... ouve-me, por compaixão!...

GUSTAVO.—Jorge!

LAURA.—Falle mais depressa!

JORGE (*sentando-se junto a ella*).—Laura, é possível que tu, que dizias amar-me tanto, me tenhas esquecido?! E' possível que te hajas tornado uma mulher de marmore... sem alma... sem coração?!

LAURA (*com esforço*).—Tudo isso é exacto... sim... tudo é exacto!...

JORGE.—E repulsas meu amor ? !

LAURA.—O seu amor ? Porque me falla nisso ? Nunca o amei... nunca !...

JORGE.—Ah ! esse tom !... Esse riso !... Tudo me affige e leva-me á desesperação !... Disseram-me o que és hoje ; eu não quiz acreditar !...

LAURA.—Fez muito mal !...

GUSTAVO (*á parte*).—Céos ! O que se passará naquelle coração !...

JORGE (*em delyrio*).—Não ; porém, agora estou convencido da verdade !... És uma cortezã !... Rojaste tua alma no lodaçal do vicio !... A libertinagem gangrenou-te o coração !... Pois bem !... (*Agarra-a e arrasta-a até a porta do interior.*) Os teus companheiros de orgia alli estão !... Vai... mulher impudica, engolphar-te na embriaguez !... Vai, messalina, mercadejar teus beijos !... Vai !... (*Empurra-a*).

GUSTAVO.—Jorge !... O que fazes ?...

LAURA (*cahindo*).—Ah !

JORGE (*erguendo-a*).—Oh ! perdôa-me... perdôa-me !... Não sei o que faço !...

LAURA.—O senhor é bem delicado !...

JORGE.—Desculpa-me, Laura !... A desesperação tólhe-me a razão !...

GUSTAVO.—Desculpe-o, senhora !...

LAURA.—Para uma tal brutalidade não ha desculpa possível !...

JORGE.—Laura !

LAURA.—Quer matar-me ? Póde fazel-o. Os eovardes como o senhor só atacam as mulheres, porque são fracas e não podem defender-se !

JORGE (*ameaçador*).—Oh! isto excede a todos os limites!...

GUSTAVO (*collocando-se de permeio*).—Jorge!...

JORGE (*abaixando a mão com desalento*).—Tem razão! O homem que ergue a mão para a mulher, é um covarde... um miseravel!...

GUSTAVO (*à parte*).—Chegámos onde receiava!

## SCENA XV

### Os precedentes e o Commendador

COMMENDADOR (*entrando*).—O que temos?! Ah! é o senhor!... Julgo que a sua presença aqui é desnecessaria.

JORGE (*à Laura*).—Quem é este homem?! E' o seu amante?

LAURA (*com embaraço*).—Meu amante! Elle!...

JORGE.—Ah! finalmente!... Se és homem, defende-te, porque vou esbofetear-te!... (*Dá-lhe uma bofetada.*)

COMMENDADOR (*levando a mão ao rosto*).—Uma bofetada!... Oh! é demais!... (*Avançam um para o outro: Gustavo colloca-se de permeio.*)

GUSTAVO.—Afaste-se, senhor!... Não queira nodoar um homem honrado!...

COMMENDADOR.—Oh! mas eu quero vingar-me!...

JORGE.—Deixa-me, Gustavo; quero despedaçar este miseravel!...

GUSTAVO.—Um homem de bem despreza os infames!  
(*Entram Henrique e Ernesto.*)

HENRIQUE E ERNESTO.—Jorge!...

GUSTAVO.—Retira-te, meu amigo.

JORGE.—Sim ; não é este o logar de um homem de bem. Deixo-a entregue ao seu remorso. (*Sahe*),

LAURA.—Ah! porque tanta crueldade, meu Deus!

---

## SCENA XVI

### Os precedentes e Thereza

THEREZA.—O que é isto ? O que aconteceu ?

COMMENDADOR.—Um miseravel, a quem desprezo, que teve audacia de insultar-me.

GUSTAVO.—Silencio! Lembre-se que o senhor, para chegar áquelle a quem agora insulta, é necessario expurgar-se dos enormes defeitos que o deformisam e enfeiam... lembre-se que aquelle que sahi é um homem que trabalha, é um character firme e honesto, e que o senhor não passa de um reptil dos lupanares, de um ente asqueroso e desprezível.

COMMENDADOR.—Senhor! Isso é uma vergonha para mim, e...

GUSTAVO.—Vergonha para o senhor?! E' tão difficil encontrar-a em seu rosto como difficil é encontrar pulsações no coração dos cadaveres.

TODOS.—Oh!

LAURA.—Nada mais me resta!.. Estou perdida! (*Fica subjugada*).

---

## SCENA XVII

### Os precedentes, Polycarpo e Jorge

POLYCARPO (*a Gustavo, que vai a sahir*).—Alto! Temos que conversar.

**THEREZA** (*á parte*).—Este homem aqui!...

**LAURA**.—O Sr. Polycarpo!

**HENRIQUE**.—Meu tio!...

**POLYCARPO**.—Não se admirem da minha presença aqui. Venho matar a fêra no seu proprio antro.

**THEREZA** (*á parte*).—O que se irá passar!

**POLYCARPO**.—Pertença ao passado, e, como tal, só tenho uma palavra. Prometti arrancar-lhe a mascara! É o que vou fazer.

**THEREZA** (*á parte*).—Céos! este miseravel vai perder-me!

**LAURA**.—Oh! que diz elle?

**POLYCARPO**.—O diabo tem duas capas. Quiz o acaso que, depois que d'aqui sahi, fosse parar á casa de Elvira, que pouco depois foi desta para melhor.

**LAURA**.—Elvira!...

**THEREZA**.—Que diz o senhor? Elvira morreu?

**POLYCARPO**.—Victima de uma congestão cerebral. Coitada! Ceiára de ma's hontem; é isso muito natural: todos nós temos de passar pelo mesmo golpe.

**LAURA**.—E Deus é justo.

**POLYCARPO** (*Para Thereza*).—Mas, antes de morrer, poz-me a par da sua infamia.

**THEREZA**.—O que lhe disse?.. o que lhe contou?

**POLYCARPO**.—Devagar se vai ao longe. Leia esta carta,  
**D. Laura.**

**THEREZA** (*á parte*).—Ah! estou perdida!...

**COMMENDADOR**.—Não devo mais ficar aqui. (*Sahe.*)

**LAURA** (*depois de ler*).—Céos!... Será possivel?

GUSTAVO.—O que foi ?

LAURA.—Leia... leia... Sr. Gustavo !... O senhor tinha razão... Fui victima de uma cilada infame.

GUSTAVO.—Sim ? ! (*Toma a carta e lê.*) « D. Laura, fui uma infame, menti-lhe... o Sr. Jorge é um cavalheiro... nunca foi meu amante... nunca mantive relações com elle... Peço-lhe perdão, e aponto-lhe D. Thereza como autora do mal que lhe causei... » Miseravel ! (*Alto.*) Ah ! têm, meus senhores, a photographia fiel da Sra. D. Thereza Gomes. *Leiam (Movimento geral.)*

THEREZA.—Oh !

JORGE (*entrando*).—E' uma mulher infame, que precisa pagar bem caro o mal que nos causou.

LAURA (*Correndo á elle*).—Ah ! perdôa-me, Jorge, se cheguei a duvidar da sinceridade do teu amor !... Enganaram-me... agora sei tudo !..

JORGE.—Nada tenho que perdoar-te, Laura. A mulher não é menós que o homem; tem dever, tem dignidade. Fizeram-me aos teus olhos um ente vil; tu dignidade impunha-te fazer o que fizeste.

LAURA.—Obrigada, meu amigo !

GUSTAVO (*a Thereza*).—Veja, senhora, e diga se ainda tem coragem para quebrar os élos que prendem aquelles dous corações.

THEREZA.—Oh ! não ! Fui um espirito infernal lançando o fel da discordia no seio de um par que tanto se amava ! Mas sinto-me arrependida... perdão, D. Laura... perdão, Sr. Jorge.

JORGE.—E do que lhe valeria o nosso perdão ? Entrego-a ao seu proprio remorso:—elle que lhe perdôe.

GUSTAVO.—Muito bem ! O verdadeiro castigo é a propria reminiscencia do crime.

**POLYCARPO.**—Já agora, que tudo torna ao que de antes era, façam um pequeno favor ao amigo velho: casem-se.

**JORGE.**—Há muito que nos casámos, Sr. Polycarpo; os laços que nos unificaram são os únicos capazes de promover a ventura da família e a desaffronta da moral social. O amor impelliu-nos um para o outro, o dever tornou indissolúvel a nossa união. O verdadeiro matrimonio é este.

**POLYCARPO.**—Modernismo! Modernismo!... No meu tempo não se pensava assim.

**JORGE.**—O passado foi o cyclo dos preconceitos retardando o caminhar da humanidade! Era de theologismo e sangue! São as idéas modernas que, arruinando o edificio carunchoso do passado vetusto e obsoleto tem de erguer o pantheon do futuro, em cujo portico ver-se-ha gravado:  
—AMOR, PROGRESSO E LIBERDADE.

**GUSTAVO** (*Apertando-lhe a mão*).—Muito bem, meu amigo, muito bem!

FIM DO DRAMA.







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).